



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMARIO

I. Carta do Reitor-Mor

NO CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS (pág. 1)

Recordação necessária — 1. Um olhar para o passado — 2. Características da nossa ação missionária — 3. Três idéias concretas: colaborar com as várias iniciativas; expedição missionária digna do Centenário; solidariedade concreta com os missionários. — A nossa "pedrinha" para o Reino.

II. Disposições e normas (não há neste número).

III. Comunicações: (pág. 31)

1. Rumo ao centenário das missões salesianas — 2. A imprensa salesiana na América Latina. — 3. 3.º Curso de Formação Permanente — 4. Pastoral das vocações: ação e colaboração — 5. Rumo ao Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores — 6. Para a formação do Cooperador Salesiano — 7. Sistema Preventivo — 8. Em que ponto se acham as causas dos nossos santos.

IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral. (pág. 40)

V. Documentos (não há neste número).

VI. Dos Noticiários Inspeitoriais (pág. 45)

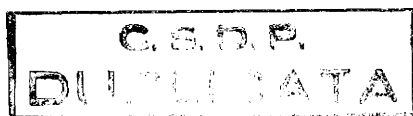
1. Um "dia" pelos pais dos missionários — 2. Nasceu a "Rádio Mensaje" — 3. Dias de formação para a juventude budista. — 4. Vinte salesianos no Concílio dos Jovens — 5. Os "Pequenos Cantores de Dom Bosco" — 6. Apelo dos diretores dos Boletins Salesianos.

VII. Magistério Pontifício (pág. 50)

1. Não ceder ao pessimismo — 2. "Devemos fazer mais..." — 3. Evangelização hoje.

VIII. Necrológio — quarto elenco de 1974 (pág. 57)





I. CARTA DO REITOR-MOR

NO CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS

Roma, janeiro de 1975

Irmãos e filhos caríssimos,

o ano de 1975 que, com a graça de Deus, estamos iniciando, abre-se para nós com duplo motivo de empenho jubiloso: celebramos o Ano Santo, e ocorre o centenário das nossas missões.

Quanto ao primeiro já estamos amplamente informados e sensibilizados através dos instrumentos de Comunicação social, dos numerosos documentos do Papa e da Jerarquia, e até da pregação. Também eu na tradicional carta e lembrança para o novo ano, endereçada à Família Salesiana, convidei todos os seus membros a viver em intensidade o espírito de conversão profunda, todo próprio do Jubileu, que leve cada um à positiva e sincera reconciliação com Deus e com os irmãos. E estou certo de que todos, individual e comunitariamente, como filhos devotos da Igreja, acolheremos o convite que o Santo Padre, em nome da mesma Igreja, fez a todos os fiéis.

Essa participação servirá certamente, como disse na lembrança, para nos dispor a celebrar dignamente e com proveito o outro acontecimento do ano, o qual nos interessa de modo todo especial como a Salesianos de Dom Bosco. E precisamente sobre essa ocorrência, cujo significado e importância bem compreendeis, é que desejo entreter-me convosco, na esperança de fazer coisa não só agradável, mas útil e construtiva.

O dia 11 de novembro de 1875 viu a pequena Congregação Salesiana lançar-se com a ousadia que só Dom Bosco lhe podia comunicar, na estupenda aventura missionária,

aventura que ele mesmo devia definir como “o maior empreendimento da Congregação”: nesse dia, de fato, partia para a América o primeiro punhado de Salesianos.

Fazia somente um ano desde que as Constituições tinham sido aprovadas definitivamente. Os dois acontecimentos não são independentes um do outro: com a aprovação das Constituições, a Congregação recebe do alto o reconhecimento de que já é um organismo vivo, são, capaz de desenvolvimento e crescimento a serviço da Igreja.

É verdade que os Salesianos são ainda poucos, como também as suas obras, mas, sob o influxo carismático de Dom Bosco, vivem em intenso clima de fé e entusiasmo, que se traduz em jubiloso anseio de se entregar, a um aceno de Dom Bosco, aos empreendimentos mais ousados. Com razão é que observa um historiador da Congregação: “A aprovação da Sociedade e das Regras era irreprimível estímulo a se preparar para empreendimentos mais ousados, de maior difusão... A saída dos Salesianos para fora do Piemonte e da Europa estava por isso na lógica dos fatos” ⁽¹⁾.

Recordação necessária

O acontecimento, bem compreendeis, tem alcance de particular importância por causa do desenvolvimento que ao longo de cem anos foi derivando dele, não só na vida da Congregação, mas também no serviço que pôde prestar à Igreja e à sociedade, no cumprimento do mandato de evangelização que a Providência lhe confiou. O juízo do historiador segundo o qual a primeira expedição missionária marca “o início de nova história para a Congregação”, não é fruto de emocionalidade exaltada, mas deriva da visão tranqüila de uma realidade que a partir desse dia, com a graça de Deus, se foi alargando e crescendo como as águas benfazejas de rio imenso.

É, pois, natural e até necessário que lembremos esse acontecimento com toda a riqueza de valores que ele encerra. A nossa recordação não será pausa estéril para reevocar

(1) STELLA PIETRO, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, 1,167.

feitos gloriosos que são méritos dos nossos Pais, mas, tomando como ponto de partida esse dia auspicioso, procuraremos olhar de propósito para toda a “riqueza missionária que estes cem anos deram à Congregação e à Igreja, e compreenderemos a responsabilidade que compromete as novas gerações salesianas a valorizá-la e adequá-la, com o espírito dos nossos Pais, aos tempos, à sensibilidade e às situações atuais.

Para isso, porém, não estarei a repetir o que escrevi há dois anos, elucidando o tema das “Missões como caminho para a renovação”⁽²⁾. Nessa carta podereis encontrar matéria sempre válida e atual, especialmente para quanto se refere ao “espírito missionário” que deve animar a Congregação em todas as suas atividades pastorais, cujo lugar privilegiado são as missões.

Poderá ser útil, nesta ocasião, reler aquelas páginas que, é bom lembrar, são um comentário ao documento do CGE sobre as missões. Servirá para completar esta carta que quero seja uma recordação obrigatória dos “cem anos missionários” da Congregação. Recordação que, por sua natureza, não tem a finalidade de levantar e analisar problemas, mas propõe-se despertar o desejo de conhecer a nossa história, e, ao mesmo tempo, ter idéia dos valores com que os nossos Pais a enriqueceram, valores que nos cabe recolher atualizando-os com inteligência e amor.

Deixai, pois, caríssimos, que antes de tudo me entretenha convosco, para juntos revivê-los, sobre os momentos que precederam, acompanharam e seguiram o evento missionário da Congregação. Recolherei dados especialmente das Memórias Biográficas: elas, pelo testemunho dos que viveram aqueles dias de fervor, nos fazem reviver, com a simplicidade de quem está vendo, o clima de entusiasmo que eletrizava a cidadela de Valdocco e a nossa pequena e incipiente Congregação.

1. UM OLHAR PARA O PASSADO

Falar em Dom Bosco, Congregação Salesiana, Missões, é falar em coisas que se fundem juntamente em maravilhosa

(2) ACS n. 267.

síntese: a síntese de uma viva realidade. Afirma o P. CERIA: "A idéia missionária em Dom Bosco cresceu, pode-se dizer, com ele. Era a princípio uma voz interior que o chamava a levar o Evangelho a nações infiéis; depois uma chama de zelo, ateadada pelo desejo de estender também nesse campo a atividade dos seus filhos" ⁽³⁾.

Serviu de forte estímulo um sonho (o primeiro dos sonhos missionários) ⁽⁴⁾ que teve entre 1871 e 1872. Dom Bosco se acha numa planície imensa, povoada de homens primitivos, de aspecto feroz. Um grupo de missionários que tinham ido evangelizá-los, foi massacrado... Chega outro grupo, alegre, precedido de um punhado de meninos: são os salesianos. Muda-se a cena: os homens, depondo a ferocidade, acolhem a palavra dos missionários.

Dom Bosco fica muito impressionado com o sonho: por três anos procurando identificar e individualizar, na história e na geografia, as visões que contemplou.

A luz da verdade não demorou muito em se afirmar: os homens primitivos do sonho correspondiam aos índios da Patagônia (Argentina), nome épico e misterioso a lembrar imensa região inexplorada, clima inóspito, tribos de selvagens.

A primeira expedição

São conhecidas as circunstâncias históricas que levaram Dom Bosco a esse empreendimento, circunstâncias que favoreceram e prepararam a execução de um plano missionário que desde os inícios se manifesta claro na mente de Dom Bosco:

a) num primeiro momento os Salesianos se estabeleceriam nos centros da Argentina de maior população, onde eram mais numerosos os imigrantes italianos que precisavam de assistência espiritual;

b) dessas obras de assistência se destacariam os primeiros missionários, no sentido verdadeiro e próprio da pa-

(3) CERIA EUGENIO, *Annali della Società Salesiana*, 1, 245.

(4) Cfr. *MB*, 10, 54-55.

lavra, para se inserirem entre as populações indígenas e iniciarem a evangelização;

c) a evangelização depois, num segundo momento, se estenderia e aprofundaria com a ajuda dos próprios homens já evangelizados.

Era o tema do sonho dos nove anos: os animais ferozes se transformariam em cordeirinhos e estes, com o tempo, em pastores.

O que aconteceu em Turim haveria de se repetir também nas regiões que se abriram à primeira evangelização dos filhos de Dom Bosco ⁽⁵⁾.

Mas não podemos deixar de recordar aqui alguns dos momentos da interessante crônica que vai fixando, como na sequência de um filme, as últimas etapas de fase preparatória do empreendimento missionário de Dom Bosco. Até nas várias encontraremos preciosos ensinamentos cheios de luz.

22 de dezembro de 1874: Dom Bosco dá a conhecer os pedidos de missionários por parte de autoridades, eclesiásticas e civis, de Buenos Aires, e apresenta aos membros do Capítulo o projeto de execução para obter deles consentimento e aprovação.

29 de janeiro de 1875: festa de São Francisco de Sales: com a maior solenidade apresenta o projeto do empreendimento missionário à incipiente família salesiana ⁽⁶⁾.

25 de fevereiro de 1875: Dom Bosco envia a todas as comunidades uma circular para informá-las do acontecimento e recolher as adesões dos irmãos (eram então cerca de 170!) que participariam da primeira expedição.

Muitíssimos Salesianos apresentaram por escrito pedido de partir para as novas missões. Mas a escolha caiu so-

(5) Cfr. *MB*, 11, 142-155; 11, 372-390; 11, 391-410; CERIA EUGENIO, *Annali*, 1, 245-266; STELLA PIETRO, *O. c.*, 1, 167-186; WIRTH MORAND, *Dom Bosco e os Salesianos* 213-226.

(6) Cfr. *MB*, 11, 142-143.

bre dez que queremos recordar aqui, com a qualificação que as Memórias Biográficas dão a cada um:

P. João Cagliero, chefe da expedição;

P. José Fagnano, laureado pela Universidade de Turim e “ex-garibaldino”;

P. Valentim Cassini, professor de classes elementares;

P. Domingos Tomatis, professor de belas letras;

P. João Batista Baccino, professor de classes elementares;

P. Tiago Allavena, professor de classes elementares;

Coad. Bartolomeu Scavini, mestre carpinteiro;

Coad. Vicente Gioia, mestre sapateiro;

Coad. Bartolomeu Molinari, mestre de música;

Coad. Estêvão Belmonte, prático de música e economista ⁽⁷⁾.

Em meio a tamanho fervor de preparativos, alguns “com dificuldade se persuadiram de que se fizesse a expedição... Olhavam de telhas abaixo. Estava destinado para guiar a expedição o P. Cagliero, professor de teologia moral, mestre de música no Oratório, e diretor espiritual das FMA; dos outros, um era prefeito num colégio, outro professor, outro com encargos de importância. Como poderiam ser substituídos? Humanamente falando, tinham fundamento essas perplexidades. O caso do Coad. Belmonte confirma-o: atendia aos hóspedes que no Oratório se sucediam cada dia; meia hora antes da viagem exercia ainda suas funções a tal ponto que se não lhe tivessem lembrado que entregasse as chaves, tê-las-ia posto no bolso e levado para a América!

Mas Dom Bosco via longe e mais do que isso olhava para o alto, com olhos de fé. “Feito seu plano diante de Deus, bem longe estava de pensar que o realizaria sem dificuldades. Mas ao se lhe deparar algum obstáculo, em vez

(7) Cfr. *MB*, 11, 373.

de se embarçar, procurava logo o modo de vencê-lo, tendo por norma o conselho de S. Teresa: “Nada te perturbe!”⁽⁸⁾

A despedida de Dom Bosco

Os missionários escolhidos foram a Roma para receber a bênção do Vigário de Cristo. “Na festa de Todos os Santos tiveram a honra de uma audiência especial do Santo Padre. Dirigindo-lhes a palavra com indizível amabilidade, entre outras coisas disse: “Vós, então, sois os filhos de Dom Bosco e estais de partida para terras longínquas a fim de pregar o Evangelho... Lá tereis imenso campo para fazer grande bem... Desejo que vos multipliqueis, porque grande é a necessidade, copiosíssima é a messe”. E o P. CERIA observa: “Os bons irmãos saíram eletrizados da audiência e dispostos a ir até os confins do mundo e a dar também a vida pela fé”⁽⁹⁾

E chegou o grande dia: 11 de novembro. Em clima de alegria e entusiasmo celebrou-se a festa solene de despedida. Depois do canto das Vésperas, Dom Bosco tomou a palavra: o templo de Maria Auxiliadora estava apinhado, reinava profundo silêncio e visível comoção. Depois de ter traçado para o grupo dos missionários o programa de ação apostólica e missionária que iam realizar, disse além do mais: “Vós deveis constantemente pensar que sois... católicos... sois enviados pelo Vigário de Cristo a exercer a mesma missão dos apóstolos, como enviados pelo próprio Jesus Cristo... O mesmo Evangelho pregado pelo Salvador, pelos seus apóstolos, pelos sucessores de São Pedro até aos nossos dias... deveis com zelo amar, professar e exclusivamente pregar. Como salesianos, não vos esqueçais de que aqui na Itália tendes um Pai que vos ama em Nosso Senhor, uma Congregação que em todas as ocasiões pensa em vós, cuida de vós e sempre vos acolherá como a irmãos”⁽¹⁰⁾.

Acrescentava ainda palavras de humildade, mas iluminadas pela luz que Deus concede aos servos fiéis: “Esta-

(8) *MB*, 11, 155.

(9) *MB*, 11, 376-377.

(10) *MB*, 11, 387.

mos dando princípio a uma grande obra, não porque haja pretensões ou se pense que se vai converter todo mundo em poucos dias, não; mas quem sabe não seja esta partida e este pouquinho uma como semente de que surja uma grande árvore? Quem sabe não seja um como grão de mostarda, que a pouco e pouco se vá estendendo e venha a fazer um bem imenso?" ⁽¹¹⁾

Depois da bênção eucarística, Dom Bosco e todos os sacerdotes assistentes, deram o abraço de despedida aos missionários. Era o adeus do Pai aos filhos, que partiam para irem transplantar além do oceano a obra que nascera nos prados de Valdocco. Enquanto o grupo de Missionários e Dom Bosco saíam do presbitério para a praça, o P. Lemoyne não pôde conter a torrente de sentimentos: "Ah! Dom Bosco, exclamou. Agora é que começa a realizar-se o "inde exhibit gloria mea"? É verdade, respondeu Dom Bosco, profundamente comovido" ⁽¹²⁾.

A 14 de novembro, domingo, embarcavam no navio que os levaria até Buenos Aires. Um mês depois, precisamente a 14 de dezembro, desciam em Buenos Aires. A primeira expedição era assim uma realidade: "Começava na verdade para o Oratório e para a Congregação uma história nova".

Com ritmo impressionante outros grupos se seguiram ao primeiro de modo que ainda em vida de Dom Bosco, entre 1875 e 1887, podem contar-se onze expedições, todas para a América do Sul:

- primeira, de 11 de novembro de 1875: 10 Salesianos, com o P. Cagliero e o P. Fagnano;
- segunda, de 7 de novembro de 1876: 23 Salesianos (6 padres, entre os quais o P. Bodrato e o P. Lasagna, 7 clérigos e 10 coadjutores);
- terceira, de 14 de novembro de 1877: 17 Salesianos com o P. Costamagna, o P. Vespignani e o P. Milanesio ^(12 bis).

(11) *MB*, 11, 385.

(12) *Cfr. MB*, 11, 388-399.

(12 bis) *E* o Cl. Pedro Rota (nota do tradutor).

Em 1877 também as Filhas de Maria Auxiliadora

Nesta expedição tomam parte as primeiras seis FMA, todas muito jovens. O fato deve ser posto em relevo: marca o início de colaboração missionária que se tornará cada vez mais unida e eficaz, que vai demonstrar a integração das duas Congregações que vivem o mesmo espírito e partilham, cada uma conforme o seu papel, da mesma missão. A irmã Angela Vallese que chefiava o grupo, tinha apenas vinte e quatro anos.

A ida das FMA foi decidida pelo Capítulo Geral do outono de 1877. Madre M. Mazzarello acompanhou o primeiro grupo de missionárias antes a Roma, onde foram recebidas por Pio IX e depois ao porto de Gênova de onde partiram para o Uruguai.

Dom Bosco lhes tinha dito: “Não sereis logo missionárias... do Pampa e da Patagônia; começareis por consolidar o Reino de Deus entre os fiéis e encaminhar para ele os que o abandonaram; depois estendereis o Reino de Deus entre os que ainda não o conhecem” ⁽¹³⁾.

A segunda expedição de irmãs FMA, em 1878, foi destinada a Buenos Aires (Argentina) de onde em 1880 se abalçaram para a Patagônia, verdadeira e própria terra de missão. Um diário de Buenos Aires escreveu: “Desde que existe o mundo, as FMA foram as primeiras religiosas que levaram a mensagem do Evangelho àquelas remotas regiões austrais”.

As irmãs se estabeleceram no lugar aonde os Salesianos haviam chegado um ano antes, em 1879. Somente nesse ano é que tinham podido iniciar as missões verdadeira e propriamente ditas, em contato direto com os índios do Pampa e da Patagônia.

As primeiras três expedições seguem-se, no espaço de menos de dez anos, mais oito: a quarta, de 8 de dezembro de 1878; a quinta, de janeiro de 1881; a sexta, em dezembro de 1881; a sétima, em novembro de 1883; a oitava, em fevereiro de 1885; a nona, em abril de 1886; a décima, em dezembro de 1886 e a undécima, em dezembro de 1887.

(13) CAPETTI GISELLA, *Il Cammino dell'Istituto nel Corso di un Secolo*, 46.

A 30 de janeiro de 1888, na véspera da morte, leram a Dom Bosco o telegrama que anuncia a chegada feliz a Quito, dos missionários que ele, já bem caído de saúde, tinha pouco antes abraçado e abençoado. O Pai deu sinais de haver entendido. Ter-se-á alegrado e terá agradecido a Nosso Senhor que, com sua graça, ia mudando em fecunda realidade quanto entrevira e sonhara.

À morte de Dom Bosco eram, sobre pouco mais de 1000, mais de 150 Salesianos na América; 50 FMA trabalhavam em cinco nações da América Latina. A sementinha de 1875 multiplicara-se bem. A obra salesiana na América já se desdobrava não só na assistência pastoral dos meninos e das famílias de emigrantes, mas corriam às populações indígenas primitivas às quais não tinha chegado ainda a luz do Evangelho.

A expansão com o P. Rua

O ritmo da expansão e o fervor missionário não pára na Congregação com a morte de Dom Bosco. O sucessor, o bem-aventurado P. Miguel Rua, lhe herdou toda a paixão pelas missões. Basta pensar que durante o seu reitorado, que teve anos bem difíceis, verdadeiramente críticos, ele, entre grandes e pequenas preparou 25 expedições missionárias, e uma ou outra extraordinariamente numerosa. Com justo motivo é que dele se escreveu: "A sede que tinha de missões era insaciável" ⁽¹⁴⁾. Assim, em 1910, quando morreu, os Salesianos tinham estendido a sua presença não só a novas nações da América (Colômbia, Peru, México, Venezuela, Bolívia, Paraguai, Brasil, Salvador e Estados Unidos), mas tinham entrado no Oriente Médio, chegado à Ásia e posto tendas em várias regiões de África.

É interessante observar como no P. Rua não havia só a preocupação de enviar como quer que fosse missionários a novos territórios, mas, como já fazia Dom Bosco, tinha e dava idéias e orientações tão abertas como prudentes. Queria, por exemplo, que vivessem a vida e os costumes dos novos lugares, despojando-se do que era próprio das suas

(14) L'ARCO ADOLFO, *Don Rua a Servizio dell'Amore*, 66.

terras” ⁽¹⁵⁾. Prova dessa sua atitude, que corresponde tão bem ao que hoje explícita e largamente inculca a Igreja do Vaticano II sobre a aceitação dos valores espalhados pelo Criador entre os homens para santificá-los, temo-la na carta que escreve ao P. Bálzola a propósito de certos costumes dos índios Bororos: “Quanto a certos costumes que esses selvagens têm, procurai não desprezá-los, mas, a exemplo do que fazia a Igreja nos tempos antigos em meio aos pagãos, procurai santificá-los, se não são usos que façam mal à alma e ao corpo” ⁽¹⁶⁾.

À morte do Bem-aventurado P. Miguel Rua, cresceram notavelmente as forças empenhadas nas Missões: os Salesianos que trabalham nelas são 1473, porcentagem impressionante num total que é de cerca de 4000.

Agora ao número sempre considerável de italianos juntam-se outros salesianos, provindos de diversas nações européias. A Congregação vem a achar-se nos primeiros lugares como Congregação Missionária e trabalha não só em missões que lhe foram confiadas diretamente pela Santa Sé, mas também em centros de missões dependentes de terceiros. Grandes pioneiros da envergadura de um Cagliero, Fagnano, Milanésio, Lasagna não se contentam de preparar e cultivar o terreno cuja posse receberam a princípio, mas, auxiliados por colaboradores generosos, alargam os limites da ação apostólica enquanto vão surgindo novas e extraordinárias figuras de missionários, que, também fora do continente americano emulam com os feitos dos pioneiros da América.

Os tempos difíceis do Pe. Albera

Durante o reitorado do Pe. Albera rebenta a primeira guerra mundial que repercutiria na Congregação inteira e nas missões, “ralentando” sensivelmente o ritmo de expansão dos anos anteriores. De fato, diminui o número de expedições missionárias, para recomeçar, porém, tão logo termine o flagelo da guerra, mais pujante com o Pe. Rinaldi, sucessor do P. Albera.

(15) FRANCESIA G.B., *Don Rua Primo Sucessore di Don Bosco*, 15.

(16) CERIA EUGENIO, *Vita di Don Rua*, 262.

Ele que, no princípio do século, encarregado pelo P. Rua, enfrenta incômodos e perigos de toda espécie, a fim de visitar todas as obras e missões da América, não parou diante da guerra que se ia alastrando. Durante os anos de seu reitorado, em grande parte sem a tranquilidade da paz, chegam a 345 os salesianos que partem para a América e para outros continentes.

Pelo fim do reitorado do Pe. Albera começa a encarninhar-se a que poderíamos chamar “grande aventura da Índia”.

É verdade que já com o P. Rua um punhado de salesianos tinha ido trabalhar em Tanjore, na diocese de Mylapor. Mas o evento missionário dos salesianos da Índia teve o seu impulso dinâmico quando o P. Albera, cedendo às insistências do Prefeito da Propaganda Fide manda ao Assam o primeiro grupo de missionários guiados pelo intrépido Dom Luís Mathias, com razão chamado o “Cagliero das Índias”. E realmente, o P. Mathias, fiel ao seu lema “aude et spera”, dará a essa missão um impulso extraordinariamente ousado e dinâmico. Além do mais cria sem demora o noviciado, embora tendo de levar da Itália, com idéia audaz, os recrutas que se uniriam às primeiras vocações da Índia. Com esse ritmo e estilo, não nos deve causar admiração se os salesianos, na medida em que alargam e aprofundam com êxito o trabalho missionário do Assam, são ainda chamados a Calcutá, a Krishnagar, a Madrasta. Hoje todos bem sabemos qual a presença da Congregação naquele imenso subcontinente e que perspectivas cheias de esperanças se nos podem abrir.

Nova expansão com o P. Rinaldi

Com o P. Rinaldi, já acenei de passagem, a Congregação teve o que poderíamos chamar de sua explosão missionária. Houve tempo em que o servo de Deus, como refere o P. CERIA,⁽¹⁷⁾ queria ir para as missões; Dom Bosco o dissuadiu dizendo-lhe que, ao invés, ele é que mandaria muitos outros. A palavra de Dom Bosco realizou-se de modo pleno: o P.

(17) CERIA EUGENIO, *Vita di Don Rinaldi*, 377.

Rinaldi não só enviou turmas e turmas de missionários, mas ideou e deu vida a iniciativas originais que por muito tempo servirão para aumentar de homens e meios as missões e para criar em toda a nossa família um clima de extraordinário fervor missionário, que representa um momento de ouro na ação missionária salesiana. Basta pensar na fundação de numerosas casas destinadas a cultivar as vocações missionárias também de adultos; basta ainda pensar — sempre com esta finalidade — na criação da Inspetoria Central (à qual o desenvolvimento missionário muitíssimo deve) e na associação e na revista “Juventude Missionária” para angariar bolsas de estudo a favor de futuros missionários.

Se a exposição do cinquentenário das missões em Turim, em seguida à do Ano Santo em Roma (1925-1926), foi um dos frutos, espetaculares diríamos, de tamanho fervor missionário despertado pelo zelo tranqüilo mas cheio de ardor do P. Rinaldi, o balanço das expedições de missionários que se realizaram durante o seu reitorado é a prova tangível do substancial fervor missionário que perpassava a Congregação nesses anos. Os Salesianos que partiram para as missões durante o reitorado do P. Rinaldi foram 1.600, sem que por isso se “ralentasse” o ritmo de expansão das outras obras nos vários continentes.

Significativa foi a expedição do 50.º aniversário das nossas missões (1925): receberam o Crucifixo de missionários 185 Salesianos. Entre eles, o grupo destinado ao Japão, chefiado pelo P. Cimatti. O P. Rinaldi achara nele o homem ideal sob tantos aspectos para essa missão mais que outras cheia de compromissos. Não hesitara por isso privar dele o Instituto de Valsálce, indo, aliás, de encontro ao antigo e nunca apagado desejo do P. Cimatti: “Se os Superiores me enviassem às missões... iria de joelhos...” Sabemos todos quanto esse grande filho de Dom Bosco deu, com simplicidade, intuição e zelo salesianamente genial, à evangelização tão difícil naquela grande nação.

Tempestade comunista na China

Uma palavra sobre a China. Conhecemos a história da nossa obra missionária. Começou nos primeiros anos deste

século com a fundação de Macau. Aumenta em 1918, ao findar da primeira guerra mundial, quando a Santa Sé confia à Congregação a missão de Shiu Chow. O crescimento que se apresentava exuberante e fecundo, teve infelizmente a desdita da morte trágica do heróico Vigário Apostólico, Dom Luís Versiglia; mais adiante a revolução comunista arrasaria como um rolo compressor todas as florescentes obras que tinham surgido em tão breve tempo.

Mas os irmãos que escaparam da tempestade comunista não se rendem. As obras de Hong Kong e de Macau se desenvolvem e multiplicam; cultivam-se as vocações que aumentam de tal modo que aquela tão estreita faixa litorânea da China com Formosa pode com todo direito tornar-se uma Inspeção. Outros Salesianos da China e depois do Norte do Viet-Nam enxamearão para nações do Extremo Oriente, provocando uma expansão vigorosa da nossa obra missionária nas Filipinas e no Sul do Viet-Nam.

Hoje, graças a Deus, a recente Inspeção que se formou nas Filipinas, começou a fornecer pessoal à vizinha missão da Tailândia. Esperamos também que a Delegação do Sul do Viet-Nam, com os numerosos irmãos que se vão formando e as inúmeras vocações, possa bem depressa estar em condições de dar válida colaboração a outras missões, especialmente do Oriente.

2.500 missionários no reitorado do P. Ricaldone

Falei da “primavera missionária” que desabrochou na Congregação durante o reitorado do P. Rinaldi. Mas devemos dizer, para exatidão, que encontrou no Prefeito Geral, o P. Ricaldone, o homem ideal para a realização das suas ousadas iniciativas. O P. Ricaldone foi, pode-se dizer, o dinâmico motor da paixão missionária do P. Rinaldi, que lhe confiara, como a seu vigário, o cuidado e a responsabilidade direta dos problemas missionários.

Vontade decidida, genial, prático e corajoso ao mesmo tempo, com as visitas a todas as missões da Índia, China, Japão e Tailândia, que duraram longos meses, o P. Ricaldone reúne dados e notícias que serão preciosos para colaboração

imediate com o Reitor-Mor, e mais ainda para o dia em que a Providência o chamar ao governo da Congregação.

Um dado entre tantos que se poderiam citar, a meu ver, pode servir para avaliar o enorme desenvolvimento que o P. Ricaldone, com os seus extraordinários dotes de animador e organizador, deu à nossa expansão missionária nas suas mais variadas manifestações. No fim de 1951, ao morrer, os Salesianos que partiram para as Missões, durante o período do seu governo, que aliás, tinha visto a pausa dos tormentos e trágicos anos do conflito mundial, foram em número para além de 2.500.

Como consequência desse grande desenvolvimento sentiu-se a necessidade de que entre os membros do “Capítulo Superior” um houvesse que se ocupasse unicamente das missões. Foi assim que no Capítulo Geral do imediato pós-guerra, nasceu a figura do Conselheiro para as Missões.

A Congregação e as nossas missões em particular muitíssimo reconhecimento devem ao trabalho deveras extraordinário desse grande Superior.

A volta ao mundo do P. Ziggiotti

O querido P. Ziggiotti continuou a obra missionária do P. Ricaldone com imenso amor e dedicação. O gesto mais significativo da sua sensibilidade missionária foi certamente “a volta ao mundo”, que empreendeu para visitar os irmãos e as missões em que eles trabalhavam, e as obras da Congregação.

Não é fácil imaginar a quais canseiras teve que sujeitar-se o P. Ziggiotti para levar aos recantos mais remotos e fora de mão da geografia salesiana o conforto da sua presença aos Salesianos e às FMA que aí trabalhavam. O sacrifício do Superior foi recompensado pelo entusiasmo e ânimo que despertava em toda parte com a sua visita.

Ainda que o ritmo não tenha sido o dos anos precedentes, continuam as expedições de novos missionários. No período entre 1951 e 1965 os Salesianos que partiram para lugares de missões chegam exactamente a 1606.

Hoje dificuldades e esperanças

Infelizmente a situação atual, por um conjunto de causas que bem conheceis, não é, sob vários aspectos, a dos anos 30 ou ainda dos anos 60. De 1966 a 1974 partiram para as missões cerca de 500 missionários.

Não obstante, dispomos de dados que, mesmo sem desconhecer certas realidades, nos dão motivo de esperança e conforto. Um deles é, fora de qualquer dúvida, o aumento digno de nota das vocações autóctones. É sinal do trabalho bem feito dos nossos missionários, é sinal também do amadurecimento das novas igrejas e ao mesmo tempo é motivo de estabilidade e segurança.

Algum exemplo. Na Índia, nas quatro Inspetorias, temos uma centena de noviços. Os seminários das dioceses que nos foram confiadas no Assam, têm um belo número de alunos nos vários graus de estudos até à teologia. A Inspetoria das Filipinas está com 16 noviços e acolhe os da Tailândia. A Delegação do Viet-Nam conta com 16 noviços. Se quisermos dar um olhar ao giro dos cem anos e pôr a mira na situação atual, aqui estão os dados. Até agora tivemos 104 expedições. Sucessivamente foram cada vez mais numerosos os Salesianos de nações diversas que nelas tomaram parte. Apraz constatar como nos vários continentes fora da Europa aparecem honrosamente Nações não muito populosas (a Bélgica está em terceiro lugar, depois da Itália e da Espanha), enquanto estão presentes a Irlanda, a Holanda, Malta, a Suíça, e nações como a Polónia, a Tcheco-Eslováquia, cuja situação atual todos conhecemos.

Outras constatações. Os Salesianos em terra de missão e em Nações do Terceiro Mundo são atualmente 7.166, i.é, mais de um terço do número total. Outra particularidade digna de nota: destes, 4.722 são autóctones.

Parece-me, depois, significativo o fato de que os nossos 56 Bispos na grande maioria trabalham em territórios de missão e em igrejas pobres e são a expressão das cristandades que nasceram ou cresceram pela ação evangelizadora dos Salesianos.

2. CARACTERÍSTICAS DA NOSSA AÇÃO MISSIONÁRIA

Relembrada em rápidos tópicos a história das nossas missões, creio possa agora ser de proveito a todos acenar a alguns aspectos que caracterizaram o trabalho missionário destes cem anos e que são elementos do nosso estilo e até do nosso espírito.

O Salesiano Coadjutor, presença insubstituível

Impressiona-nos notar que na primeira expedição de 1875 entre dez que partiam havia quatro Coadjuutores. O fato correspondia à convicção de Dom Bosco e ao projeto que dela se originava. “O sacerdote, dizia ele, precisa ser coadjutado, e eu creio não andar errado se afirmo que quantos estais aqui padres, estudantes, aprendizes e coadjutores, todos podeis ser verdadeiros obreiros evangélicos” ⁽¹⁸⁾. Essas as palavras que Dom Bosco dirigia aos Salesianos e aos jovens mais crescidos na tarde da festa de São José em 1876. Outra vez dirá aos irmãos Coadjuutores: “Há trabalhos que padres e clérigos não podem fazer e vós é que os fareis” ⁽¹⁹⁾. Por isso lemos nas Constituições renovadas: “O Coadjutor em muitos setores tem um papel integrante e insubstituível”. (art. 37).

Dom Bosco notou essa função principalmente nos lugares de missão. E os irmãos Coadjuutores nas missões vão correspondendo em modo e medida estupenda à confiança que neles tiveram Dom Bosco, os seus Sucessores e a Congregação. A história destes cem anos está marchetada de dezenas e dezenas de figuras magníficas de Coadjuutores. Lembro alguns nomes. Mas quantos outros deveria ainda lembrar.

Buscaglione, De Fonseca, Pankeri, Mantarro: quatro esplêndidos construtores de igrejas, capelas, seminários, pontes, aquedutos, vilas. Entretanto em meio a mil e uma atividades, eram sempre religiosos exemplares.

Milanesio, companheiro corajoso e fiel do P. Bálzola na civilização dos Bororos.

(18) CERIA EUGENIO, *Annali*, 1, 705.

(19) *MB*, 16, 319.

Conci, chamado o “Ketteler da Argentina”: sociólogo, jornalista, organizador de sindicatos.

Srugi, o enfermeiro, o moleiro santo da terra de Jesus, chamado até pelos Muçulmanos de “o amigo de Deus”.

Porém esses não são senão os batedores de um exército de autênticos missionários que, nas mais diversas situações e com uma vida de testemunho coerente, se tornaram construtores do Reino de Deus ao lado e como auxílio insubstituível dos irmãos sacerdotes.

Hoje os Salesianos coadjutores presentes em terras de missão e no Terceiro Mundo são 1.115, num total de 3.496 e continuam a tradição de laboriosidade, doação e fidelidade salesiana, que distinguiu quantos os precederam.

As F M A, Missionárias “por natureza e vocação”

Já acenei que na expedição de 1877 havia um punhado de F M A. Também esse fato é bem importante. Um dia Pio XI, o Papa das missões, dirá ao P. Rinaldi: “Não pode haver missão sem irmãs. Nas missões deve até haver mais irmãs do que missionários” ⁽²⁰⁾. O P. Rinaldi comentava: “É preciso que a mulher eduque a mulher... Sem as irmãs não se pode converter uma Nação...” ⁽²¹⁾.

Era evidentemente a idéia de Dom Bosco, compartilhada e aceita por Santa Maria Mazzarello. E assim as F M A, fiéis aos acenos de Dom Bosco, como que porfiando com os Salesianos, enfrentavam lado a lado e em colaboração com eles, a aventura missionária. E não se detinham diante dos perigos, incômodos, dificuldades, mas iam aumentando a própria presença em vários continentes, não só pelo número de irmãs, mas pela variedade de obras e atividades. E assim demonstraram com fatos toda a verdade das palavras de Pio XI e do P. Rinaldi. Com razão o componente missionário, tanto para a nossa Congregação como para o Instituto das F M A, é tido como essencial. Este último, com efeito

(20) CERIA EUGENIO, *Vita di Don Rinaldi*, 395.

(21) *Ib.*

se qualifica como “Instituto por natureza... educativo e missionário” ⁽²²⁾.

Também as F M A presentes hoje nas missões e no Terceiro Mundo chegam bem a um terço do total, exatamente 6.847 sobre 18.168.

Hoje, também as Voluntárias de Dom Bosco

De alguns anos para cá há também na América e na Ásia, trabalhando em colaboração com os nossos missionários, as primeiras Voluntárias de Dom Bosco. Naturalmente agem com o estilo próprio de um Instituto secular, mas sempre com o espírito do Pai comum. Temos motivos para esperar que a sua presença crescerá de maneira benfazeja.

A primeira contribuição dos Cooperadores

A ação missionária de Dom Bosco desde que nasceu, até mesmo na fase preparatória, “começou a experimentar a comprovada ajuda dos Cooperadores... nos momentos de maior necessidade... Eles, com efeito, correspondiam com larga generosidade ao apelo que lhes fazia, cada um conforme suas possibilidades” ⁽²³⁾.

É também isso, ao meu modo de ver, nota característica do nosso empreendimento missionário. Dom Bosco, enquanto lançava Salesianos e F M A na grande empresa, preocupava-se em criar contemporaneamente um *front* interno de homens e mulheres que, com sentido profundamente cristão, fossem o apoio moral, espiritual, psicológico e também material dos filhos que trabalhavam em terras longínquas em meio a perigos, obstáculos e necessidades de toda espécie.

Olhando para o decurso destes 100 anos, podemos constatar que os Cooperadores cumpriram o seu dever”. ⁽²⁴⁾. Não é por acaso que Dom Bosco ao findar da vida poderá dizer: “Os Cooperadores são para nós um esteio inabalável” ⁽²⁵⁾.

(22) *Constituições do Instituto das F M A*, art. 3.

(23) CERIA EUGENIO, *Annali*, 1, 212.

(24) WIRTH MORAND, O. c., 278.

(25) *MB*, 18, 146.

Desde então, com efeito, um verdadeiro exército de cristãos pôs-se, e também hoje já se põe, ao nosso lado em todos os continentes, de modos os mais diversos, nos trabalhos que empreendemos, mas sobretudo nas missões. O Boletim Salesiano, em suas numerosas edições, informa, anima as milhares de pessoas que, vivendo no mundo, compartilham intensamente, com orações, simpatia e multiforme ação, o trabalho dos nossos missionários. A eles, não só os missionários mas a inteira Congregação deve, com o coração de Dom Bosco, reconhecimento positivo e constante.

Uma particularidade, creio, interessante e significativa a propósito de leigos para as missões. Hoje muito se fala de Voluntários leigos para as missões e nós apreciamos a generosa disponibilidade desses cristãos. Talvez não saibamos que muitas expedições dos nossos missionários desde os primeiros tempos se integravam com simples leigos, por vezes também em número notável. Crônicas e estatísticas dão deles relação durante vários anos até ao ano de 1941. Chegando aos lugares de missão colaboravam com os Salesianos, desempenhando os mais variados encargos e, em muitos casos, aí passaram toda a vida.

No estilo e com o coração de Dom Bosco

a). "... ocupar-nos particularmente da juventude"

Dom Bosco tinha dito aos Salesianos que partiam para a América: "Não se esqueçam de que vamos para os jovens pobres e abandonados"; e ainda: "Nas missões devemos ocupar-nos particularmente da juventude, especialmente da pobre e abandonada"; e mais explicitamente: "Vai para a frente e pode fazer um grande bem o missionário que ande rodeado de uma boa coroa de jovens" ⁽²⁶⁾.

A gente gosta de constatar como esta sensibilidade e táctica missionária, sobre a qual tanto insistia Dom Bosco, tenha tido confirmação da autorizada palavra do recente Sínodo dos Bispos. Diz a "declaração final": "De modo especial nos voltamos para os jovens... Os jovens devem ter a prio-

(26) *MB*, 17, 233; 18, 44; 12, 280.

ridade das solitudes da Igreja”. (Card. Cordeiro, arcebispo de Karachi); os jovens “devem ser objeto de evangelização, e sobretudo artesãos dela entre os coetâneos”. (D. Pirônio, Presidente do CELAM).

Os nossos missionários, e não só os primeiros, tiveram sempre presente a palavra do Pai, que era reflexo natural da sua e da nossa peculiar vocação, confortada pela mesma autoridade da Igreja. Desde os meninos do bairro de La Boca de Buenos Aires, que era então desacreditado, às “favelas” de Tondo em Manilha, aos da Cidade dos jovens de Lubumbashi, os nossos irmãos, onde quer que acamparam, foram sempre como que por instinto à cata de meninos, da juventude, especialmente da mais necessitada. Não só isso, mas levaram até eles o estilo, o método, o clima inconfundível que acaba por conquistar o menino de qualquer raça, nação ou civilização que seja.

Fato consolante e comprobatório, ligado a essa atenção preferencial à juventude, apraz-me repeti-lo, é a florescência de inúmeras e boas vocações autóctones em várias nações. E fato ainda mais significativo é a florescência de jovens encaminhados aos cumes da santidade, como os servos de Deus, Zeferino Namuncurá e Laura Vicuña.

b) Pela promoção humana

Queria por fim sublinhar quanto os nossos missionários, desde o começo, fizeram pela promoção humana da sua gente.

Olhando bem e recomeçando do ponto de que eles, em muitos e muitos casos, partiram, devemos não só apreciar, mas ficar pasmos e admirados por quanto souberam fazer com meios muitas vezes bem limitados: da agricultura à criação de gado, da construção de casas às cooperativas e organização do trabalho e das oficinas, da perfuração de poços à construção de pontes e estradas, da alfabetização ao ensino para qualificação técnica nos mais diversos sectores, da publicação de livros populares, escolares, catequéticos, de cultura até às estações rádio-difusoras... E tudo sem prejuízo e jamais em contraste com a evangelização, mas

como elemento do Anúncio entendido como promoção e liberação do homem todo.

Ninguém vá querer concluir que tudo tenha sido perfeito sempre e em todas as partes, nem pretender que o trabalho realizado cinqüenta anos atrás correspondesse em tudo e por tudo à sensibilidade e critério hodiernos.

Mas olhando para o conjunto destes cem anos, podemos com segurança reconhecer que os nossos caríssimos missionários muito bem os despenderam e traficaram.

E disso demos graças ao “Deus de todo bem”.

c) *Em estreita comunhão com o Centro.*

Parece-me digno de nota um elemento que se encontra em nossos missionários onde quer que se desenvolva o seu trabalho. Dom Bosco fizera de Valdocco e da nascente Congregação uma família: esse clima que não é tão fácil de se definir, mas que, respirando-o, dá uma sensação de bem-estar, levaram-no os primeiros missionários, como que por instinto, à América.

Um dos sinais e ao mesmo tempo um dos instrumentos que alimentavam este sentido de família que mantinha unidos os filhos com o Pai — Dom Bosco — e com a Casa Mãe, foi a correspondência epistolar: farta, regular, cordial. Os nossos arquivos estão cheios deste precioso material que foi crescendo com os anos, porque a tradição continuou também quando o número dos missionários cresceu de maneira notável e se espalharam pelo mundo afora. Não sei se há em outros Institutos tradição de igual estilo e intensidade.

É certo, todavia, que esses laços filiais — dos quais a correspondência é somente um aspecto — foram na Congregação, e ainda são, uma benfazeja, contínua osmose de sentimentos, experiências, avaliações, entre a periferia e o Centro; laços que nos fizeram superar duras provas, deram conforto, luz e segurança em momentos críticos que não podem faltar numa grande família, cujos membros se acham espalhados nos vários continentes nas mais diversas situações. Esses laços nada têm de burocrático, mas têm tudo de uma sinceridade espontânea, são elemento muito importante da unidade que foi e deve ser a força insubstituível da Congregação.

A propósito de unidade, apraz-me notar ainda uma característica que encontramos em nossas comunidades missionárias ou para-missionárias. Os irmãos que as compõem, tradicionalmente enviados mediante o Centro, pertencem quase sempre a nacionalidades diversas. Pois bem, sem querer ignorar fraquezas próprias do homem, esta situação serviu para integrar valores de variada natureza, e não só não prejudicou a unidade da vida e ação comunitária, mas tornou ainda mais rica de possibilidades. E ao mesmo tempo mais dignas de crédito por parte das populações que vêm em ato o que é capaz de obrar a caridade de Cristo.

d) Com fé simples e profunda

Apresentei, embora tocando discretamente pontos essenciais, algumas notas que me parecem características da vida e do trabalho dos nossos missionários. Mas é espontânea a pergunta: que é que houve e o que é que vive, por detrás e dentro de toda essa múltiplice e fecunda atividade? Parece-me se possa responder com tranqüilidade que a força vital de todo o trabalho, por vezes incrível, dos nossos missionários, tem um nome só: a fé! Foi essa a fé que os levou para bem longe da própria pátria à procura de almas. Com essa fé simples, talvez nem sempre rica de teologias atualizadas de um modo particular, mas robusta e profunda, enfrentam eles as mais duras situações e, dir-se-ia, às vezes humanamente desesperadoras. Trata-se da fé que está na raiz de toda vida e obra de Dom Bosco: “A fé, dizia ele, é ela que faz tudo” (27).

E essa visão e sentido d’ “o Invisível” se transforma e manifesta, como por lei natural, na oração. Ao ler biografias, memórias, artigos, livros de muitos dos nossos missionários, mas especialmente em contato íntimo com eles, percebe-se a chama que lhes arde no coração e lhes alimenta o zelo incansável.

Uma particularidade ainda: em Valdocco e de Dom Bosco, os primeiros missionários se tinham embebido da devoção a Maria Auxiliadora. Eles, e a seu exemplo os que se

(27) *M B*, 10, 90.

lhes seguiram no tempo, enquanto com sentimento filial a conservaram viva no coração, para lá dos oceanos, tornaram-se dela zelosíssimos propagadores, basta visitar as regiões onde trabalham os filhos de Dom Bosco para se ter uma idéia.

Missionários de acordo com os novos tempos

A esta altura imagino perguntas que poderiam partir de mais de um. Num momento como o em que vivemos, essa evocação não é pecado de otimismo irênico? Na situação “missionária” da Congregação, como também da Igreja, não há hoje falhas, dificuldades, problemas, contestações...?

“Não podemos parar”

Por certo não desconhecemos nem queremos fechar os olhos diante das dificuldades de várias espécies que hoje encontra, na Igreja, o fato missionário, também em nosso meio. Mas podem os obstáculos de qualquer tipo que sejam fazer parar quem crê firmemente na palavra de Jesus: “Ide e ensinai”? Para homens de fé obstáculos não são convite à desmobilização, mas se transformam em incentivo para procurar caminhos e instrumentos novos com que superá-los. Para isso nós, iluminados e confortados pela mesma fé do nosso Pai, repetimos a sua palavra, expressão de uma vontade tão confiante quanto indômita: “Não podemos parar”. Olhemos para a frente! É a palavra que nos repete também Paulo VI: “Caminhar para a frente”.

Para conforto nosso devo dizer-vos que entre os nossos muitos missionários — e dou a esta palavra o sentido mais lato — não encontrei perplexidades, desânimo, ar de quem se rende. Tudo pelo contrário! Encontrei, ao invés, preocupação em verificar métodos, usos, instrumentos empregados no passado para a evangelização. E isso me parece bem positivo. Rever para corrigir e melhorar à luz da experiência, deve ser preocupação constante de todos. Mas os nossos destemidos missionários crêem na sua vocação, vivem-na, querem tão só torná-la cada vez mais adequada às exigências e dificuldades novas para que venha a ser mais fecunda.

Nessa perspectiva, estimulados também pela feliz ocasião do centenário, queremos unir-nos a eles, com a mesma fé, vontade e com sentido de realismo salesiano, para pôr em ação todas as iniciativas que servem a dar, a toda a Congregação, uma face, e mais ainda um coração fervorosamente missionário. Seria, de fato, grave falta, quase de deserção, pretender que a realização de quanto serve à renovação missionária seja objeto que só diz respeito aos queridos missionários. Missionária é toda a Congregação (como mais de uma vez, também nestes anos, se disse e também a Igreja o repete). Se, por hipótese, viesse a faltar na Congregação o sentido e o dinamismo missionário, deixaria ela de ser a Congregação que Dom Bosco quis.

Também nos formigueiros das megalópoles

E hoje, por um conjunto de elementos e motivos, pode-se afirmar com segurança que a evangelização, embora tendo nas missões parte privilegiada, não se faz só na “*plantatio Ecclesiae*” entre os povos que ainda não têm fé; realiza-se também no anúncio renovado em nações, onde ele, por um conjunto de causas, se foi enfraquecendo, distanciado ou mesmo apagando. Percebemos como todos, onde quer vivamos e trabalhemos, somos levados a nos sentirmos evangelizadores, missionários, em modos e graus os mais diversos, exigidos pelas situações.

A declaração dos Bispos no último e recente Sínodo, precisamente sobre a evangelização, aponta de maneira bem clara essa realidade. Lemos nela: “Sustentados pela nossa fé em Cristo... queremos novamente confirmar que o mandato de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja. Até, quanto mais profundas e amplas se nos deparam as mudanças hodiernas, quer nas religiões e ideologias, quer na cultura e costumes, tanto mais evidente e urgente se manifesta a necessidade de proclamar o Evangelho a todas as nações e a cada homem, especialmente aqueles a quem não foi levado ainda o anúncio da boa nova de Cristo, onde quer que se achem aqui no mundo, para que se efetue a evangelização e a fundação da Igreja em povos e ambientes em que ela não esteja ainda profundamente enraizada. Todos, pois, devemos sentir-nos apostolicamente

mobilizados, segundo as condições de cada um e segundo as situações locais. Daremos evidentemente o espaço devido à primeira evangelização, mas não podemos ficar insensíveis aos apelos urgentes que nos vêm das periferias das imensas megalópoles, verdadeiros formigueiros de toda espécie de misérias humanas; do mundo dos jovens vítimas do ateísmo, da droga, da sociedade do erotismo; não podemos fechar os olhos diante da medonha ignorância religiosa que aflige largas camadas da sociedade, camadas que também não estão longe de nós.

Catequese valorizada pelo testemunho

De aqui o dever de se dedicar, com seriedade e empenho à catequese que, como se disse autorizadamente no recente Sínodo, é “transmitir a mensagem de Cristo vivo, é essencialmente educar para a fé, é esclarecimento cristão sobre os problemas mais profundos da humanidade”.

Diante deste quadro de urgências, que está bem longe de ser completo, nenhum de nós pode sentir-se dispensado de fazer alguma coisa. O “ai de mim se não evangelizar” de São Paulo, parece-me deva ressoar como advertência no coração de todo filho de Dom Bosco. Cada um tem possibilidades e responsabilidades diversas; mas, repito, nesta imane e santa batalha há lugar para todos: desde o general até o soldado, desde o pensador e sábio até ao irmão que ensina uma arte ou que lavra a terra.

Mas todos, seja qual for a nossa posição pessoal, podemos e devemos dar a contribuição evangelizadora do nosso testemunho, i.é, da coerência em viver a mensagem que anunciamos, condição que não se pode eludir, a fim de que a mensagem venha a ser aceita. Sem o que estaríamos pretendendo construir sobre areia movediça.

Vêm-nos à mente as palavras incisivas que o Concílio Vaticano II dirige aos Institutos de vida ativa com relação às responsabilidades que todos, mesmo os que não são missionários em sentido estrito, devem sentir concretamente, evangelizando antes de tudo com a própria vida. Além do mais, lemos: “Os Institutos... interroguem-se com sinceridade, diante de Deus, se o seu teor de vida dá testemunho

do Evangelho” ⁽²⁸⁾. A mesma verdade foi repisada ainda recentemente por Paulo VI: “Antes de pregar o Evangelho, é preciso vivê-lo” ⁽²⁹⁾.

3. TRÊS IDÉIAS CONCRETAS

Do quanto dissemos nestas páginas, cada um de vós percebe que a recordação do empreendimento missionário, iniciado, faz cem anos, pela Congregação, não pode exaurir-se em si mesma. Uma reflexão serena e corajosa, tanto pessoal como comunitária, sobre os vários pontos em que toquei nesta carta, ajudará cada um de nós a se tornar convicto e concreto obreiro da renovação do espírito missionário da Congregação; e isso — é bom lembrar — é caminho necessário para a sua renovação total

Nesta linha, parece-me possam servir as iniciativas que se propõem às Inspetorias por ocasião precisamente do centenário das missões. É claro que não será uma ou outra iniciativa que resolva os inúmeros problemas a que se liga a nossa renovação missionária, mas é também verdade que são inúmeros os fatores que podem e devem contribuir a criar e animar o clima de renovação autêntica e fecunda. E o centenário é ocasião de modo particular feliz.

Na prática eis o que vos proponho.

Primeiro: colaborar nas várias iniciativas.

Primeiro. As comunidades, quer inspetoriais, quer locais, prestem trabalho concreto e eficaz para realizar as várias iniciativas de *animação* missionária que o Centro vai propondo. Trata-se de indicações e sugestões para ajudar e facilitar a ação. São resultado de longo trabalho, de que participaram com os Superiores dos vários Dicastérios, irmãos, F M A, Cooperadores, Ex-alunos, jovens. Isso será comunicado à parte. Caberá a cada Inspetoria e comunidade estudar quais entre elas se podem executar, e como fazê-lo. Poderá suceder que *in loco* haja idéias e iniciativas acomoda-

(28) *Ad Gentes*, n. 40.

(29) PAULO VI, *Mensagem para o dia mundial das missões*, 1974.

das ao ambiente e, por isso, mais eficazes. Importante é o empenho por esta animação.

Tenha-se presente que as F M A, como colaboram com o Centro, assim ficarão bem contentes em dar sua contribuição em cada uma das Inspetorias. Também os outros ramos da nossa Família serão convenientemente convidados a se interessar pelas diversas iniciativas. Tenho o prazer de anotar que as Inspetorias da Argentina concordaram com um programa comum muito interessante para as celebrações centenárias.

Segundo: uma “expedição missionária” digna do centenário

Agora vou fazer-vos não uma proposta, mas um caloroso convite.

A Congregação, cheia de gratidão para com Nosso Senhor por todo o bem que pôde fazer às almas nestes cem anos, e cônica do muito que resta por fazer, confiando na Providência, que saberá recompensar o gesto de quem deixa a Inspetoria pelas missões, despertando novas e generosas vocações, propõe-se realizar uma *expedição missionária digna do evento*. Sei que a chama missionária arde viva em muitos irmãos. Queremos valorizá-la com um gesto de fé e esperança que não será estéril para toda a Congregação.

Programamos empregar os voluntários da expedição numa dupla linha concreta: concentrar as forças em regiões particularmente necessitadas e igualmente promissoras, de maneira a dar-lhes ajuda substancial e sensível. Pensamos aviar alguma presença nova, não tanto sob o ponto de vista geográfico quanto pelo tipo e enquadramento da obra.

Convido, pois, aos irmãos que tiverem a inspiração de atender a este apelo, que me escrevam diretamente a mim. Desde agora agradeço-lhes, enquanto peço a Nosso Senhor abençoe, com os irmãos generosos que se oferecem, as comunidades locais e inspetoriais de que procedem. Superiores e irmãos das Inspetorias, com sentimentos de profunda fé, de caridade positiva para com quem tem necessidades mais urgentes, aceitarão de boa vontade o sacrifício que importa o vazio deixado pelo irmão que parte, recordando as palavras do Concílio: “A graça da renovação não se pode de

modo algum desenvolver nas Comunidades, se não dilatar cada uma os espaços da caridade até os confins da terra, cuidando igualmente dos de longe como dos próprios membros” (30).

Mas deve-se a este respeito dizer algo mais de positivo e experimentado. O Card. Poletti, Vigário do Papa para a cidade de Roma, escreveu: “Não só as missões precisam de nós, mas também e talvez mais ainda as nossas Igrejas precisam das missões” (31).

Para confirmar esta asserção, pessoa que experimentou os frutos de semelhante osmose especialmente no campo das vocações, afirmou recentemente: “As primeiras Igrejas beneficiadas pelas missões são as que dão e não as que recebem”.

Compreende-se então a posição que tomou a Igreja da França: “A nossa opção é missionária... A Igreja recusará ser um clube fechado...” (32). E diante da permanente crise de clero e seminários: “Reanimação do clero só poderá vir na linha de manifesto espírito missionário” (33).

Devemos refletir sobre essas afirmações, que evidentemente não são só frases de efeito. Trata-se em última análise da palavra de Cristo: “Dai e dar-se-vos-á” (34).

Terceiro: solidariedade com os missionários

Terceiro. Esta palavra significa também o *auxílio material* que cada uma das comunidades locais e inspetoriais, especialmente durante o ano centenário hão de querer dar, para as necessidades sem conta das nossas missões. Serão a seu tempo indicadas as finalidades concretas e prioritárias, a que serão destinados os frutos da “solidariedade”.

Convido todas as comunidades a intensificar essa participação na ajuda fraterna, pondo por obra indústrias, iniciativas que a caridade sabe excogitar e mais que tudo sabe animar e valorizar espiritualmente. Tornar-se-á dest’arte

(30) *Ad Gentes*, n. 37.

(31) Em *Agenzia Fides*, janeiro de 1973.

(32) Card. MARRY, Discurso inaugural da “Conferência Episcopal da França”, 1971.

(33) “Conferência Episcopal da França”, *Documento final*.

(34) *Lucas*, 6, 38.

mais rica, mediante também este canal, a fecunda “troca de bens”, que é o fruto mais precioso de toda forma de verdadeira solidariedade.

A nossa “pedrinha” para o Reino

Concluimos, agora, caríssimos, resumindo nossos sentimentos e propósitos.

Cem anos atrás Dom Bosco, saudando os nossos missionários na Basílica de Maria Auxiliadora, com voz embargada pela comoção, manifestava toda a alegria do coração, porque “A Congregação, embora na sua pequenez, colaborava ativamente, levando a sua pedrinha, à extensão do Reino de Deus” ⁽³⁵⁾.

Nós que temos a ventura de celebrar o século da fecunda experiência missionária salesiana, que poderemos dizer, e mais ainda, que é que faremos?

Sem triunfalismo, na humildade, cônscios da nossa responsabilidade diante da Igreja e da Família salesiana de ontem e de amanhã, renovemos principalmente com coração sincero os sentimentos a que o P. Rinaldi convidava os Salesianos no Cinquentenário das nossas missões “pelos benefícios concedidos à nossa Sociedade” nestes cem anos de trabalho missionário.

Mas ao mesmo tempo voltemos o nosso pensamento cheio de admiração, agradecido e reavivado pela oração, aos mil e mil irmãos, ilustres ou escondidos na penumbra, que de modos os mais diversos, em todos os recantos, foram nestes cem anos os construtores do Reino de Deus nas almas. Eles, com o exemplo da sua vida de consagrados à missão, muitas vezes até ao holocausto supremo e ao martírio, nos empenham aonde quer que sejamos chamados a trabalhar, a “reviver intensamente o ideal de Dom Bosco, que quis fosse a obra da evangelização o anseio permanente da Congregação” ⁽³⁶⁾.

Que o nosso Pai torne fecundos os nossos propósitos.

P. LUÍS RÍCCERI
Reitor-Mor

(35) *M B*, 11, 386.

(36) *A C S*, 244, 1966, pág. 128.

III. COMUNICAÇÕES

1. Rumo ao Centenário das missões salesianas

A 103.ª expedição missionária

Domingo 6 de outubro ocorreu a característica cerimônia da despedida aos Missionários da 103.ª expedição: como todas que a precederam, aos pés da Auxiliadora em sua basílica de Turim.

A concelebração e a entrega dos crucifixos foram presididas por Dom André Rubio, bispo auxiliar de Montevidéu, ladeado pelo Vigário do Reitor-Mor, P. Caetano Scrivo.

Presentes também todos os Irmãos que participam do 3.º Curso de Formação Permanente ora ministrado em Roma na Casa Generalícia.

Atuação missionária em plano inspetorial

O *Dicastério das Missões* deu sua colaboração teórico-prática à primeira reunião dos Delegados inspetoriais para a atuação missionária na Itália, efetuada em Roma (Casa São Tarcísio) aos 16 de novembro. O P. Luís Boscaini, Delegado nacional, dirigiu a reunião. O Reitor-Mor quis estar presente, intervindo com sua autorizada palavra para indicar a orientação exata que devem seguir estes animadores no esforço de dar às próprias inspetorias uma real fisionomia missionária, exatamente ao aproximar-se do primeiro Centenário das nossas Missões.

2. A Imprensa salesiana na América Latina

Os *Diretores dos Boletins Salesianos da América Latina* reuniram-se nos dias 13-14 de novembro na Casa da Lapa (São Paulo — Brasil). Partindo do pensamento de Dom Bosco e da nossa tradição que sempre viu no Boletim Salesiano um instrumento de informação e comunicação salesiana no “plano mundial” (P. Ricceri), foram examinadas as orientações do art. 32 dos Regulamentos sobre o fim, as

responsabilidades, o caráter do Boletim, e sua renovação como “publicação oficial da Família Salesiana”. Examinada então a situação dos Boletins da América Latina, estudaram-se as possibilidades de colaboração entre eles a Repartição central de Imprensa.

Estavam presentes: M. Colunga (México), A. Merino (Venezuela), J. Gutierrez (Colômbia), R. Cotta (Bolívia), J. Calvo (Argentina), G. Cintra e H. Passero (Brasil), M. De Pra (Peru). Com P. João Raineri, Conselheiro para as comunicações sociais, participaram ativamente o P. J. Henriquez, Conselheiro regional da zona Pacífico-Caribe, e os inspetores P. S. Cuevas (Chile) e P. J. Velasco (Venezuela), e P. Enzo Bianco da Repartição central de Imprensa.

* *Reunião dos responsáveis pelas Editoras salesianas da América Latina.* A reunião, pedida pelos interessados, preparada por encontros pessoais do P. João Raineri com cada um dos responsáveis e por um inquérito feito em 1973-74, pôs em foco a situação atual e estudou o desempenho das Editoras em serviço da vocação e missão salesiana no pensamento de Dom Bosco e da nossa constante tradição.

Participaram dos três dias de intercâmbio e de estudos fraternos os responsáveis pelas Editoras do México, Venezuela, Bolívia, Peru, Equador, Brasil, observadores de outras inspetorias como Chile, Argentina, Colômbia, os Inspectores do Chile, da Venezuela e de São Paulo (Brasil), com o P. J. Henriquez, conselheiro regional.

Da Itália acrescentaram-se ao P. Raineri, o P. F. Meotto e o Dr. G. N. Pivano da SEI, com o P. Enzo Bianco da Repartição central de Imprensa.

Especificada a missão das Editoras católicas salesianas à luz das situações atuais da Igreja e da sociedade, e das exigências pastorais que delas derivam especialmente para a juventude e para as classes populares da América Latina, foram estudadas as colaborações possíveis em sentido continental e mundial de acordo com o CGE (n. 460-462) e as condições para um “novo lançamento” desta importantíssima e irrenunciável atividade salesiana. O Reitor-Mor enviara uma sua mensagem com diretrizes muito atuais e que serviram de guia aos debates e às conclusões. Um relatório sobre as duas reuniões americanas da Imprensa salesiana será enviado para informação a quantos participam de responsabilidade nesse setor.

3. Terceiro Curso de Formação Permanente

Teve início no mês de outubro na Casa Generalícia o Terceiro Curso de Formação Permanente, destinado principalmente aos Irmãos

da região de língua inglesa: formam um bom número: 37, e os trabalhos foram iniciados com satisfação geral

A audiência do Papa

Na audiência geral de 20 de novembro de 1974, Paulo VI a eles se dirigiu diretamente:

“Passamos de virtude em virtude (havia já saudado a um grupo de Franciscanos), passamos a saudar agora a um grupo de Salesianos. São quarenta Sacerdotes, vindos de toda parte do mundo para juntos estudar em profundidade, durante vários meses de permanência na Casa Generalícia de Roma, o significado e o valor da consagração a Deus na vida sacerdotal e religiosa, de acordo com a fisionomia própria de outro Santo — vede como é belo, eu diria, o Paraíso mesmo visto na terra — São João Bosco. Um tem o carisma de uma qualidade, vós tendes outro que é o da educação da juventude, em conformidade com a atualização querida pelo próprio Concílio Vaticano II. Pois bem, queridos Salesianos, vós vos preparais para serdes nas respectivas nações animadores e mestres de “Formação Permanente”. É uma responsabilidade delicada à qual vos chamam Vossos Superiores e vos chama vossa própria vocação de seguidores de Dom Bosco. Nas múltiplas incumbências a que cada um deverá atender, deveis conservar alta a luz do ensinamento, do estilo, do espírito de Dom Bosco, fazer reviver o seu Carisma, infundir seu ideal de apostolado. E quanto se necessita de vós, queridos Sacerdotes Salesianos, educadores Salesianos!

Providentemente para a Igreja, Nós sabemos que onde Vós permaneceis, Nós ficamos tranquilos, diria, porque sabemos que sois realmente promotores e defensores do espírito genuíno do cristianismo. E tendes a perícia, talvez mesmo a magia, de suscitar novos cristãos, de levar esta juventude do nosso tempo, que parece refratária ao cristianismo vivido e verdadeiro, de levá-la à profissão religiosa, civil ou manual, isto é, profissional da especial vocação de cada um na sociedade moderna.

Podeis imaginar como Nós apreciamos isto, e encorajamos de todo Nosso coração vossa dedicação e vossa especialização neste campo!

E reparai que, enquanto surgem tantas revoluções e evoluções no campo escolástico-educativo, vossa pedagogia pode-se afirmar ainda moderna e eu diria projetada para o futuro.

Não deveis ter receios! Sede valentes Salesianos, filhos de Dom Bosco, e tereis prestado um grande serviço à Igreja, e também seguramente, à Sociedade”.

4. Pastoral vocacional: ação e colaboração.

No Dicastério da pastoral juvenil estão sob estudo dois breves documentos acerca da orientação da pastoral vocacional e dos aspirantados. Outrossim estão projetados alguns encontros de especialistas (inicialmente em nível europeu) para uma clarificação da impostação e da metodologia dos Centros juvenis e para uma reflexão sobre o problema da construção da comunidade educativa e a formação educativa e pastoral dos nossos colaboradores leigos.

5. Rumo ao Encontro Mundial dos Salesianos Coadjutores

Com a celebração dos Encontros Regionais, já realizados em toda parte, entramos na fase de preparação próxima do Encontro Mundial.

Reunião da Comissão Central

Em 26 de outubro de 1974 a Comissão Central reuniu-se pela terceira vez na Casa Generalícia: estavam ausentes: P. Antonio Ferreira, atualmente no Brasil, e o sr. Henrique Ruiz.

Tomando conhecimento da situação geral dos trabalhos executados pelos Encontros, com base nas informações vindas das Inspetorias e das Regiões ou Grupos Interinspetoriais, a Comissão Central examinou os seguintes argumentos:

— *organização remota e próxima do Encontro*: troca de informações com os Delegados; problemas logísticos, de convivência, de desenvolvimento dos trabalhos, de tradução etc.; material e meios necessários;

— *distribuição diária das atividades do Encontro*, e iniciativas colaterais;

— *regulamento do Encontro Mundial*.

Através do estudo particularizado dos referidos argumentos a Comissão Central pôde especificar encargos inerentes a cada um e apresentou nomes a serem propostos como responsáveis.

Reunião dos relatores dos temas

No dia seguinte, 27 de outubro de 1974, sempre na Casa Generalícia, realizou-se a primeira reunião dos Relatores dos temas que serão tratados no Encontro Mundial.

O elenco dos Relatores, superadas algumas dificuldades, apresenta-se agora assim: P. Pedro Stella, P. Mário Midali e P. Gustavo Leclerc tratarão o tema da "identidade", respectivamente para a parte histórica, teológica e jurídica; P. Paulo Natali: "Perspectivas apostólicas"; o Sr. Mário Seren Tha: "A Formação"; o Sr. Júlio Girardi (irmão Marista) e Geraldo Meegan: "Proposta vocacional", respectivamente nos dois aspectos sociológico e pastoral-prático.

A essa reunião, que ocupou os presentes pelo dia inteiro, compareceram: os Relatores, os Membros da Comissão Central e alguns Consulentes. Tratou-se de como se encaminhar e coordenar a preparação dos temas, como utilizar as conclusões dos Encontros precedentes (dos Inspetoriais foi apresentado um "resumo"), como organizar outras reuniões ou formas de colaboração; enfim, quais as etapas e datas a serem levadas em conta para assegurar ao "iter" previsto um desenvolvimento regular.

Resumos dos Encontros Regionais

Para que os Relatores possam impostar seus trabalhos tendo presente o espírito e as conclusões dos Encontros Regionais, faz-se mister tenham conhecimento e visão dos Atos dos mesmos; é urgente, portanto, sejam enviados quanto antes à Comissão Central.

Essa providenciará para que se faça um resumo que será enviado também aos Delegados do Encontro Mundial, para conhecimento e preparação.

Delegados ao Encontro Mundial

A fim de garantir o desenvolver-se regular dos trabalhos, fazemos um apelo a todos os Delegados, para que respondam com presteza a eventuais pedidos sem esperar ulteriores solicitações e os convidamos a que se façam promotores de iniciativas, no âmbito de suas Regiões, próprias a manter vivo o interesse da Comunidade e dos Irmãos e a solicitar, assim, sua contribuição em preces.

6. Para a formação do Cooperador Salesiano

Uma semana européia de estudos sobre a formação dos Cooperadores Salesianos foi realizada de 29 de outubro a 4 de novembro na Casa Generalícia. Participaram 27 Filhas de Maria Auxiliadora com a Madre Letícia Galletti assistida pela Ir. Maria Rampini, as Inspetoras da Bélgica e da Inglaterra, Delegadas inspetoriais e locais; 23 Cooperadores e 52 Salesianos de toda parte da Europa. Uniram-se ainda ao grupo os Irmãos do curso de Formação Permanente, em andamento, elevando assim o número dos participantes a 140, e dando ao Encontro um caráter mundial.

Foram debatidos os aspectos fundamentais da formação dos Cooperadores à luz da teologia do laicato, do pensamento de Dom Bosco, do Capítulo Geral Especial e do novo Regulamento, iluminando os lineamentos da vocação “salesiana secular” do Cooperador.

Serão impressos os Atos, como foi solicitado por unanimidade.

7. Sistema Preventivo

Foram publicados os “Atos do Encontro europeu sobre o sistema educativo de Dom Bosco”: um volume da LDC, que inclui todas as conferências feitas durante o encontro pelos vários especialistas, o balanço de conclusão da semana de estudo e o discurso do Reitor-Mor no encerramento. Já foram enviados pela editora 230 exemplares aos participantes do Encontro. Outros exemplares acham-se à disposição dos Irmãos interessados em uma obrigatória atualização no campo educativo salesiano.

...(*“Il sistema educativo di Don Bosco tra pedagogia antica e moderna”*, Torino-Leumann, LDC. 320 pp; 3000 liras).

8. Como vão as causas dos nossos santos

O longo “iter” tradicional dos processos de beatificação e canonização foi em parte simplificado pelo Papa Paulo VI em 1969.

As vinte Causas dos cento e poucos Servos de Deus pertencentes à Família Salesiana acham-se dispostas naturalmente em fases diversas de progresso, como indica em esquema o *Postulador Geral P. Carlos Orlando*, partindo da fase inicial de andamento.

Assim, em conformidade às normas de 1969, a cúria arquiepiscopal de Tóquio, autorizada pela Santa Sé, enviou a Roma os dados colhidos sobre as virtudes e fama de santidade de Dom Vicente CIMATTI (fundador da obra salesiana no Japão, falecido em 1965 aos 86 anos), e aguarda o “nihil obstat” para dar andamento formal à Causa.

Somente para Dom Cimatti foi observada a nova forma: todas as outras Causas salesianas foram iniciadas antes de 1969 e assim continuam seguindo a forma antiga, a qual previa como primeiro passo não o “processo de instrução”, mas o “processo ordinário”, assim denominado por ser conduzido pelo Ordinário ou bispo diocesano, por autoridade própria, sem prévia autorização da Santa Sé.

Neste ponto inicial encontra-se ainda a Causa de ALEXANDRINA DA COSTA (Cooperadora salesiana, falecida em Portugal aos 51 anos de idade em 1955).

Na fase sucessiva, a sagrada Congregação para as Causas examina em primeiro lugar os escritos do Servo de Deus. Já obteve tal aprovação o P. RODOLFO KOMOREK (sacerdote polonês, falecido no Brasil em 1949 aos 59 anos). Chegaram também a este ponto as Causas dos MÁRTIRES ESPANHOIS do período 1936-1939, com um total de 97 nomes. Tais Causas, porém, estão por ora suspensas, todas, aguardando que se tenha plena luz sobre os motivos reais que provocaram a morte destas pessoas.

Depois dos escritos a Santa Sé examina os documentos relativos ao “processo ordinário”. Então sobre tais documentos são apresentadas objeções e dificuldades. Aguardam estas objeções as Causas do P. LUIZ MERTENS (sacerdote, falecido na Bélgica em 1920 aos 55 anos), do P. LUIZ VARIARA (fundador das “Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria”, falecido na Colômbia em 1923 aos 48 anos), do Coadjutor SIMÃO SRUGI (de Nazaré, falecido em Beitgemal em 1943 aos 66 anos), e de DOM LUÍS OLIVARES (bispo de Sutri e Nepi, falecido aos 70 anos em 1943).

As objeções do Promotor geral da fé são confiadas a um Advogado das Causas a fim de estudá-las e apresentar suas respostas. Assim já foram apresentadas as respostas relativas às Causas do P. FELIPE RINALDI (Reitor-Mor, falecido em 1931 aos 74 anos) e de LAURA VICUÑA (aluna das Filhas de Maria Auxiliadora, que morreu na Argentina em 1904 aos 13 anos).

Se as respostas são admitidas, então o Papa intervém com sua autoridade publicando o “Decreto de introdução da Causa”. É um

passo oficial e decisivo, seguido de uma investigação para verificar-se que não tenha sido tributado ao Servo de Deus o culto público reservado aos Santos e Bem-aventurados.

São instruídos então os “processos apostólicos”, assim chamados porque, embora relizando-se na diocese onde já fora feito o “processo ordinário”, têm desta vez prosseguimento por conta da Autoridade Apostólica, isto é, a Santa Sé, que examinará ao depois o modo como foram realizados e publicará o “Decreto de validade destes processos”.

O passo seguinte é recolher em volume todas as provas apresentadas nos processos precedentes formando o “Sumário sobre as virtudes ou sobre o martírio”; temos atualmente em fase de impressão o Sumário sobre as virtudes heróicas de IRMÃ MADALENA MORANO (Inspetora das Filhas de Maria Auxiliadora, falecida em Catânia em 1908 aos 61 anos).

Também este documento é submetido às objeções do Promotor geral da fé, a quem novamente responde o Advogado das Causas. Estão aguardando o resultado de tais respostas as Causas do príncipe P. AUGUSTO CZARTORYSKI (sacerdote que morreu em 1893 aos 35 anos), da IRMÃ TERESA VALSÉ PANTELLINI (Filha de M.A., que faleceu em Turim em 1907 aos 29 anos) e de Dona DOROTEA CHOPITEA (Cooperadora salesiana, falecida em Barcelona em 1891 com 74 anos), de Dom LUÍS VERSIGLIA E P. CALLISTO CARAVARIO (trucidados na China em 1930).

Se as respostas do Advogado são acolhidas positivamente, intervém de novo o Papa que declara heróicas as virtudes do Servo de Deus e o proclama “Venerável”. São já Veneráveis: P. ANDRÉ BELTRAMI (que morreu em Turim em 1897 aos 27 anos) e o princepezinho dos Andes ZEFIRINO NAMUNCURÁ (falecido em Roma em 1905 aos 18 anos).

Um novo processo examina os milagres propostos para a beatificação que é então solenemente proclamada pelo Papa, como aconteceu, faz dois anos, para o Bem-aventurado P. MIGUEL RUA, primeiro sucessor de Dom Bosco.

Um último processo será necessário depois para a aprovação dos milagres propostos para a Canonização definitiva.

O crivo, como se vê, é longo e sempre mais apertado, manifestando-nos, porém, a seriedade com que a Igreja age ao propor aos cristãos os modelos seguros de santidade.

O carisma da santidade, canonizada ou não, é próprio da Igreja como organismo vivente de uma vida sobrenatural, que é vivida concretamente por seus membros, especialmente aqueles que, como nós, dela fizemos profissão mesmo em vista de um testemunho de salvação.

9. Errata corrige

No n. 276 dos ACS (outubro-dezembro 1974), à pág. 63, ao n. 1.1.3. lê-se: “após a realidade da diminuição do número dos aspirantes nas Inspetorias”. Deve-se ler: “após a realidade da diminuição do número dos *aspirantados* nas inspetorias”.

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

1. Viagem do Reitor-Mor

Em 1.º de outubro o Reitor-Mor empreendeu uma viagem de 22 dias ao Extremo Oriente. Foi uma viagem de trabalho intenso, programado e desenvolvido juntamente com os Superiores dos diversos Dicastérios, com a coordenação de todo o trabalho feita pelo P. William como Superior regional. O Reitor-Mor prefixara um triplice escopo: encontrar os Inspetores e os Delegados do Oriente, os Conselheiros Inspetoriais daquelas Inspetorias, o maior número possível de Irmãos, e visitar algumas obras.

O Encontro dos Inspetores realizou-se em *Hong Kong* e dele participaram 7 Inspetores e 2 Delegados, provenientes da China, Índia, Filipinas, Coréia do Sul, Viet-Nam do Sul.

O problemas tratados de acordo com os relatórios apresentados pelos Inspetores, foram muitos e de grande instância: Formação, Missões, Pastoral juvenil e dos Adultos. Complementados por reuniões específicas dos Inspetores da Índia e do grupo do Extremo Oriente. Outras reuniões para assuntos especializados foram tidas com Superiores de Dicastério.

O dia 7 de outubro, segunda-feira, foi dedicado a algumas obras de *Macau*. A primeira visita foi feita a Coloane para levar a palavra e presença do Reitor-Mor aos doentes do leprosário (dirigidos pelo nosso P. Nicosia), aos meninos órfãos e pobres da "Boys Town" (dirigida por um grupo de zelosas VDB), aos jovens aprendizes da nossa incipiente escola profissional, onde o P. Acquistapace aguardava o Reitor-Mor para a bênção de uma nova capela, e também ao recolhimento de meninos atacados de poliomielite, confiado às VDB. O Reitor-Mor passou a tarde na "Casa-Mãe" da Obra Salesiana na China em Macau: aqui ao redor do Superior acorreram os jovens e Irmãos da escola técnica (os jovens são mais de 800 entre internos e externos) primeiro para a celebração e depois em salesiana alegria.

Dia 10 de outubro: vôo para a Coréia. Uma parada na sede da Delegação: atualmente paróquia, mas proximamente centro juvenil.

Os Irmãos reuniram-se para o encontro com o Reitor-Mor no "Don Bosco Center": um centro juvenil com aulas diurnas e noturnas, pensionato para operários e centro juvenil J.O.K. O Núncio da Coréia quis entrevistar-se com o Reitor-Mor. O resto do breve tempo foi dedicado a visitar nossa paróquia de Tae Bang Dong e as obras das FMA: noviciado e pensionato para operárias.

Da Coréia ao *Japão*: sábado 12 de outubro. À tarde, o Reitor-Mor e os Superiores estiveram na acolhedora casa de Chofu, em Tóquio. Houve aqui, domingo 13 de outubro, uma excepcional concelebração para a primeira missa de três salesianos japoneses. Muitos foram os Irmãos que tiveram a possibilidade de vir de todas as obras salesianas do Japão para escutar a palavra do Reitor-Mor. Como também muito numerosas acorreram as Irmãs FMA e as "Irmãs da Caridade" fundadas pelo Salesiano P. Cavoli. O Pro Núncio Mons. Hipólito Rotoñ quis cordialmente convidar o Reitor-Mor para o jantar.

15 de outubro: *Filipinas*. Ocupou 4 dias a visita às obras das Filipinas. À tarde da chegada já um grupo das VDB trouxe sua saudação ao Reitor-Mor. 16, pela manhã, após a Missa concelebrada no Estudantado Teológico de Parañaque, o Reitor-Mor entreteve-se com o Conselho Inspetorial e depois falou a todos os Diretores. Momentos dignos de nota particular foram primeiro a vestição de 14 noviços, ocorrida na igreja de Makati, e depois a solene aceitação de um grupo de novos Cooperadores, entre os quais muitos jovens.

Ao aspirantado de San Fernando o Reitor-Mor viajou de helicóptero por causa da inundação na estrada: lá celebrou a Missa para mais de 150 aspirantes e seus Superiores. Manifestação interessante na escola técnica de Makati, onde se exibiu também um grupo de meninos de Tondo ao apresentar alguns números que obtiveram naturalmente um aplauso especial pelo que significava a exibição daqueles jovens. O Reitor-Mor falou também aos clérigos estudantes e aos noviços de Canlubang, que vivem num ambiente de tranquilidade e dedicação.

Não faltou a visita às obras das FMA e especialmente à "Favela" de Tondo, da qual sempre todos partem muito impressionados pelas condições de vida da população, e pela presença generosa e estimada dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

Contemporaneamente os Superiores dos Dicastérios mantinham encontros de acordo com seus peculiares programas.

Dia 19: vôo para *Bangkok*. O calor (particularmente intenso como em geral em todo o Oriente) e a chuva não impediram agra-

dáveis e úteis reuniões na casa inspetorial: com o Conselho Inspetorial, com os Irmãos e com os Cooperadores.

Última etapa: *Teheran*. Chegada à noite avançada. Os Irmãos reuniram-se na casa do "Don Bosco College" pela manhã. E foi com grande alegria que se passou a última parte do dia ao redor do Reitor-Mor.

Dia 22 chegada de volta a Roma.

2. O Vigário do Reitor-Mor na Região Pacífico-Caribe

O *Vigário do Reitor-Mor*, P. Caetano Scrivo, partiu para o Peru a fim de pregar os Exercícios Espirituais aos Inspetores da região Caribe-Pacífico da América Latina. Permaneceu, pois, alguns dias nas Inspetorias do Peru, da Venezuela e da América Central, onde teve ocasião de se encontrar com os Conselhos inspetoriais e com diversas comunidades locais.

3. Extremo Oriente: visitas, reuniões e contatos

O Conselheiro para a formação, P. Egidio Viganó, seguiu para o Extremo Oriente a participar, com o Reitor-Mor e outros membros do Conselho Superior, das reuniões dos Inspetores da Ásia, em Hong Kong.

Continuou a viagem em visita à Delegação da Coreia, às Inspetorias do Japão, das Filipinas, da Tailândia, à Delegação do Vietnam, às Inspetorias de Madras, Bombaim na Índia e ao Estudantado de Cremisan na Palestina. Teve assim contatos com os Conselhos inspetoriais, as equipes para a formação, as comunidades formadoras, os formadores e os jovens em formação, e trouxe de tudo uma visão positiva e cheia de esperança.

O P. João Raineri, Conselheiro da pastoral dos adultos, em sua viagem à Ásia encontrou, nas diversas inspetorias visitadas, grupos numerosos de salesianos e de Filhas de MA, estudando com todos a renovação dos Cooperadores, dos Ex-Alunos, do apostolado das comunicações sociais, das atividades paroquiais. Dignas de nota especial as reuniões em Hong Kong, nas Filipinas e em Madras, como também as reuniões das presidências nacionais de Ex-Alunos em Hong Kong e na Índia em Bombaim, durante as quais se falou do projeto da "juventude asiática". Em Shillong e em Madras reuniram-

se as presidências de Ex-Alunos daquelas Inspetorias. A impressão é de um grande movimento em toda parte com entusiasmo no caminho da renovação.

Na segunda quinzena de novembro, o P. Raineri fez uma visita ao Brasil para dois importantes encontros: com os Diretores dos Boletins Salesianos e com os responsáveis pelas Editoras salesianas da América Latina (cf. Comunicações 2).

Nos meses de setembro-outubro, o P. Juvenal DHO, conselheiro para a pastoral juvenil, viajou às Inspetorias de Tailândia, Vietnam, Hong Kong, Formosa, Japão e Filipinas. Juntamente com os Inspetores e Irmãos procurou examinar como está sendo dirigida nas inspetorias a reflexão sobre a missão juvenil salesiana, conhecer as realizações nas diferentes situações da missão, examinar em conjunto como se configuram nos diversos países os problemas das vocações e como estão sendo concretamente enfrentados.

O P. Bernardo Tohil, Conselheiro para as Missões, partiu dia 27 de setembro para a Índia em visita à Inspetoria de Gauhati, onde permanecerá até a metade de janeiro.

Durante uma pausa, de 3 a 9 de outubro, esteve em Hong Kong para a reunião dos Superiores com os Inspetores do Extremo Oriente, e logo em seguida aproveitou a oportunidade para levar uma saudação aos Irmãos que trabalham na Birmânia.

4. O Ecônomo geral na América

O Ecônomo geral, P. Ruggiero Pilla dirigiu em Quito (Equador), nos dias 12-14 de novembro, a reunião dos Ecônomos inspetoriais das Américas, com a presença de todos.

O Encontro, cuidadosamente preparado e organizado, foi precedido na tarde do dia 12 por um breve exercício espiritual. Nos dois dias de trabalho muito intenso e caracterizado por um cordial espírito de família, foram tratados com descortino e competência argumentos atinentes aos deveres dos Ecônomos na gestão econômico-administrativa, enriquecidos por interessante discussão e por utilíssimas trocas de experiências e iniciativas tentadas proficuamente nas diversas Inspetorias.

Já no dia 9 de novembro em Lima (Peru) o P. Pilla havia participado da reunião dos Inspetores da América Latina, região do Pacífico, sobre problemas de sua específica competência.

Após estas duas reuniões e uma breve visita à Inspetoria de La Paz (Bolívia), o Ecônomo geral passou às Inspetorias da Venezuela, das Antilhas, da América Central, do México e de New Rochelle nos Estados Unidos, para se encontrar com os respectivos Conselhos inspetoriais e com o Inspetor e o Ecônomo inspetorial.

Nesta viagem, concluída em 30 de novembro, aproveitou a ocasião para visitar em particular algumas Casas, ficando em toda parte impressionado profundamente pelo espírito de trabalho, de fidelidade salesiana e acima de tudo pelo sentido sobrenatural na vida e na ação dos Irmãos.

5. Em programa

* Chegam das diversas Inspetorias as “Diretrizes” ou “Orientações” para a formação, em cumprimento do art. 106 das Constituições. A aprovação de tais documentos compete ao Conselho Superior, que iniciará as sessões plenárias na segunda metade de janeiro.

* O Dicastério da Formação enviou às comunidades de formação sacerdotal (estudantados de teologia) um questionário para preparar uma reunião dos respectivos Diretores, os quais enfrentarão os problemas de uma das etapas mais complexas e delicadas no âmbito atual de nossa formação.

* Está sendo organizado um encontro sobre os Exercícios Espirituais para Irmãos, a realizar-se na Casa Generalícia de 25 de janeiro a 2 de fevereiro. Apoiar-se-á sobre informações de especialistas entre os mais qualificados neste campo e sobre a comparação das experiências e iniciativas já provadas e de resultado eficaz acerca da impostação e condução dos nossos exercícios espirituais, os quais, no atual contexto de renascimento universal da oração cristã, não se podem deixar de valorizar devidamente.

* Em Hong Kong, juntamente com os Inspetores locais, foram programadas para o fim de outubro de 1975 reuniões com os Diretores de aspirantados da Índia e com os encarregados de pastoral juvenil das Inspetorias indianas, e, para a primeira quinzena de novembro de 1975 realizar-se-á em Dalat (Vietnam) um curso de dez a quinze dias sobre argumentos de catequese e pastoral juvenil em situação de missão. Destina-se este curso aos delegados de pastoral juvenil de todas as Inspetorias do Extremo Oriente.

VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Esta seção (VI.) apresenta iniciativas, experiências, programas e reflexões dos irmãos (muitas vezes sobre problemas e situações apenas locais), como aparecem nos Noticiários Inspetoriais.

Sugerida também pelo CGE que recomenda a divulgação de “um extrato das principais iniciativas tomadas no mundo salesiano para a renovação” (A. CGE n.º 763, 3b), esta seção atende antes de mais nada a uma exigência de informação, e não comporta necessariamente um juízo de valor, por parte do Conselho Superior, com relação a quanto vai publicado.

1. Insp. Holandesa — Uma “jornada” para os pais dos missionários

Foi organizada pela Procuradoria missionária salesiana da Holanda, com animadores resultados (NI de junho de 1974, pág. 9).

Realizou-se em Leusden pela primeira vez, em maio passado — sob iniciativa da Procuradoria missionária salesiana — uma “jornada de contato” para os pais e parentes dos missionários salesianos holandeses. Mais de noventa familiares de 36 missionários salesianos (entre 53 que a Holanda conta) participaram, e os pais que, principalmente por doença ou idade avançada, não puderam estar presentes expressaram por carta sua cordial adesão.

Tomaram parte também alguns missionários que se encontravam então na pátria, diversos irmãos da Inspetoria, e de Bruxelas os representantes da Procuradoria e da Inspetoria flamenga.

O Inspetor P. J. Raaijmakers presidiu a Eucaristia e fez a homília. Depois da missa foi exibido o filme “Haiti, pérola das Antilhas”, um eficaz documento missionário rodado pelo salesiano Omer D’Hoe. Organizada outrossim uma exposição fotográfica missionária. Ao jantar, também ele “missionário”, o cardápio apresentava pratos típicos como aperitivo haitiano, sopa australiana, batatas sul-americanas, sorvetes tropicais etc.

A “jornada” despertou vivo interesse também entre os numerosos irmãos jovens, ali presentes, que tinham sobre as missões um conhecimento essencialmente de literatura, e que muito aproveitaram com este contato direto com os missionários e suas famílias. Estas, porém,

mais que todos, estimaram a iniciativa e expressaram o desejo de que se renove todos os anos.

2. Insp. Lombardo-Emiliana — Nasceu a “Rádio Mensagem”

Dá esta notícia o missionário P. Dante Invernizzi, em uma carta enviada da Escola Muyurina (Montero, Bolívia) aos irmãos de sua Inspeção de origem (NI de outubro de 1974, pág. 16).

Conseguimos finalmente, graças a Deus! Ontem, 23 de setembro, realizou-se a solene inauguração da nova estação de rádio, com o nome de “Rádio Mensagem”.

É um acontecimento de grande vulto missionário: a nossa “mensagem”, nossa mensagem cristã, chegará bem mais longe do que poderíamos nós pessoalmente, superando com facilidade as distâncias e as péssimas estradas.

É uma realização ecumênica, com que pudemos aprender a estimar a generosidade e o amor a Jesus dos “outros”! Nosso contato mútuo aumenta a recíproca valorização, e favorece a humildade de não se julgar os proprietários do zelo pelo Reino.

O caminho da aprovação foi muito longo, devido às dificuldades de natureza política que a nação enfrenta, e à amarga experiência que o governo teve com sacerdotes e elementos protestantes. Restamos agora trabalhar.

O Coad. Feletti foi “pars magna” nesta iniciativa, e sua alegria era irreprimível. Atualmente a Congregação está representada no “Comité diretivo” da rádio por Feletti e por mim, pois fomos os dois delegados para esta realização.

A Congregação na Bolívia e a Igreja local exultam hoje por esta nova possibilidade de evangelização que se inicia.

3. Insp. Tailandesa — Jornadas de formação para a juventude budista.

A singular iniciativa realizada em Banpong pelo pároco P. João Ulliana, é uma das numerosas formas de colaboração entre católicos e budistas, aplicadas pelos nossos irmãos com um sucesso inesperado (NI de novembro de 1974).

Em outubro de 1974 tivemos a última série de “jornadas” dedicadas à formação humana e social da juventude de Banpong.

A idéia de organizar algumas jornadas para a juventude budista já estava em mente há algum tempo, mas não foi possível realizá-la antes de setembro e outubro. A iniciativa encontrou logo o apoio de muitos, especialmente do “Conselho para as Obras Sociais da Tailândia”, do qual nossa paróquia é um dos membros (e que provê também a dar um auxílio para as despesas), e das autoridades locais, principalmente do prefeito municipal e do provedor do ensino (os quais presidiram a jornada de abertura).

Ao todo participaram das “jornadas”, realizadas nos locais da paróquia, 310 jovens das classes superiores e provenientes das diversas escolas de Banpong e cidades vizinhas, divididos em quatro turnos.

Os temas foram abordados pelos Salesianos, por uma Filha de M.A. e por especialistas em problemas juvenis. Os argumentos tratados, a participação ativa dos jovens, e o clima de fraternidade que se criou, entusiasmaram os participantes, que no final expressaram seu desejo de voltar quando forem organizadas outras jornadas semelhantes.

Pensamos agora em reuni-los mais uma ou duas vezes, para estimulá-los a atuarem tudo quanto ouviram.

4. Insp. de Portugal — Vinte Salesianos no “Concílio dos jovens”

Alguns NI da Europa noticiam a presença de grupos juvenis, acompanhados por Salesianos, ao Concílio dos Jovens, aberto o ano passado em Taizé. Diversa, porém não menos significativa, a experiência de Portugal: o Delegado da pastoral juvenil P. Armando Silva acompanhou vinte irmãos jovens. Eis um resumo de seu relatório (NI de outubro de 1974, pág. 17-18).

Quarenta e cinco mil jovens, de todo o mundo, subiram (e nós com eles) a colina de Taizé para aquele gigantesco encontro de juventude (de Portugal éramos 800). A maravilhosa colina, dominada pela Igreja da Reconciliação, apresentava-se transformada pelo fervilhar de todos aqueles jovens, pela presença das cinco grandes tendas para as reuniões e celebrações comunitárias, e pelas centenas de outras pequeninas tendas individuais ou de grupos, imagem visível e vívida do antigo povo de Deus peregrino, entre as quais certamente também o Senhor havia plantado sua tenda.

A organização era impecável e sobretudo sorridente. Uma língua era internacionalmente falada e bem entendida por todos: a língua da alegria e da amizade juvenil.

Foi para nós uma extraordinária experiência de vida: dias de fortes emoções e de participação aos anseios e aos empenhos dos jovens de todo o mundo. Colhemos os motivos da esperança, a certeza do valor da juventude de hoje e de amanhã.

Para mim resultou ainda esplêndido e inesquecível o grupo dos jovens salesianos, que me confirmaram sobre a dimensão vasta e profunda da nossa missão (embora às vezes percamos-a de vista).

Esta experiência, extenuante em nível físico, deu-nos um resultado maravilhoso e riquíssimo para cada um de nós. Terminada a celebração aqueles 45.000 jovens (e nós com eles) desceram da colina e retomaram as estradas do mundo: o sopro do Espírito ia com eles. Que agora dê seus frutos. Que agora não se desanime, que se prolongue em nossa terra o trabalho iniciado lá, o espírito vivido em Taizé.

5. Insp. de Porto Alegre — “Os “Pequenos Cantores de Dom Bosco”

A “Casa do Pequeno Operário” de Porto Alegre organizou há alguns anos o coro dos “Pequenos cantores de Dom Bosco”, que em suas exibições obtém sucessos notáveis. Um rápido lance de olhos sobre seu denso programa (NI n. 19 pág. 34-35).

O Rio Grande do Sul é um dos Estados do Brasil que dão mais importância à arte musical em suas diversas manifestações, incluindo os corais de meninos. A programação de festivais nestes tempos está muito em moda, e não menos estão os “Pequenos Cantores de Dom Bosco”.

Participaram este ano de várias manifestações: do “Festival Lassalista dos Pequenos Cantores” que em agosto reuniu os nove melhores corais do Estado; do “Concerto da Canção Bíblica” realizado na arquidiocese por ocasião da Semana Bíblica; do “Primeiro Festival dos Corais” organizado em Nova Hamburgo por ocasião do centenário da imigração alemã; do “Segundo Festival Internacional de Corais”, em outubro, na Universidade Federal. Alguns espetáculos são registrados também pela “TV Difusora” local. No “Show da amizade”, efetuado em novembro na “Casa do Pequeno Operário”, tomam parte, todos juntos, os Salesianos, os professores e os meninos cantores.

Os jornais acompanham com interesse as execuções dos “Pequenos Cantores”, e sempre se referem a eles com simpatia e admiração. É assim que, com plena dedicação aos jovens, pode-se obter muito. Cultivar nos meninos os dons que receberam do Senhor é um modo de fazê-los crescer como pessoas. E música é certamente um destes dons preciosos...

6. Insp. de Bogotá — Apelo dos Diretores dos Boletins Salesianos

Em São Paulo (Brasil) oito Diretores dos Boletins Salesianos da América Latina, reunidos (juntamente com o Conselheiro para a Comunicação Social P. Raineri) em um encontro de estudo para melhoria da publicação, dirigiram no final à Família Salesiana de seus países um convite, solícito e motivado, à colaboração (NI de dezembro de 1974, anexo 13, pág. 4).

1. Nós, diretores dos Boletins Salesianos da América Latina esperamos que cada membro da Família Salesiana receba o mesmo Boletim, e o acolha como algo que lhe pertence.

2. Desejamos além disso que os membros da Família Salesiana não permaneçam simples leitores, mas que se tornem conosco artífices e colaboradores. Neste sentido queremos sobretudo suas sugestões e conselhos, para se melhorar a revista.

3. E, como é certo que uma publicação se torna interessante somente na medida em que os leitores se sentem nela inseridos, convidamos todos que pertencem à Família de Dom Bosco a se tornarem fontes de informação para as redações, enviando notícias de atividades e projetos, e a relativa documentação fotográfica.

4. Enquanto nós nos empenhamos ao máximo para fazer do Boletim Salesiano um testemunho e uma profecia do projeto apostólico salesiano, sentimos a imperiosa necessidade de que os leitores se convertam por convicção em eficazes promotores da difusão da revista, de modo que um número sempre maior de pessoas chegue a ler o Boletim Salesiano.

5. Em concreto exprimimos o desejo de que cada um na Família Salesiana nos ajude a uma distribuição mais eficaz do Boletim Salesiano, comunicando-nos “endereços pessoais” para o envio dos exemplares e assinaturas (esta é uma condição para o leitor estabelecer um sólido vínculo com a revista, e um verdadeiro diálogo com ela e com Dom Bosco).

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. Evitar cair no pessimismo

Na alocução que precedeu o "Angelus" de domingo, 25 de agosto, o Santo Padre referiu-se aos males que afligem a sociedade hodierna e apontou o modo como deveremos agir e reagir para evitarmos a tentação do pessimismo e do desespero. Eis as palavras do Papa, em Castelgandolfo.

Este momento de conversação cordial e espiritual destina-se hoje a levar-vos, irmãos e filhos aqui presentes, bem como a todos aqueles aos quais pode chegar o eco da nossa voz, um pouco de conforto espiritual e de encorajamento moral. Cremos bem que todos temos necessidade deles.

Se os nossos ânimos, na qualidade de interlocutores, ou melhor, de observadores e ouvintes daquilo que nos chega da voz pública, são sensíveis à natureza e à qualidade das notícias fornecidas pela informação diária, não podem deixar de sentir-se tristes e quase desmoralizados. E se tivéssemos de julgar a nossa sociedade pelo retrato que nos fazem dela os instrumentos das comunicações sociais, deveríamos ficar tristes e abatidos perante essa imagem sombria e deformada do mundo em que vivemos: uma epidemia de delinquência, não só individual, mas desgraçadamente organizada, e não só para casos de pouca importância, mas para crimes espantosos; depois, o desenfreado abuso daquilo que uma sociedade civil pode ter de melhor, a liberdade, levada ao limite da licenciosidade moral e do risco criminoso: divisões facciosas e irredutíveis de inteiras camadas da população, alheada já dos comuns sentimentos de amor à própria história e à própria terra; venalidade que se infiltrou um pouco por toda a parte; chagas sociais, como a prostituição, a droga, a luxúria e o jogo de azar, parecem transformar-se costume fácil e corrompido... Mas, onde estamos? Será isto, porventura, civilização e humanismo moderno?

A este quadro moral verdadeiramente tenebroso, ajunte-se o pano de fundo das pavorosas situações políticas em que a ameaça dos terríveis e insidiosos armamentos, sem falar já dos conflitos que parecem mobilizar os gigantes das potências mundiais, fazem vacilar a nossa ténue, embora sempre muito amada paz.

Perante tudo isto, que havemos de fazer? É necessário fortalecer a nossa psicologia de homens maduros para não cairmos no pessimismo e na loucura do desespero. É necessário, antes de mais, sermos bons, nós, pessoalmente, professando e promovendo a bondade forte, consciente por si mesma, empreendedora e difusiva. Depois, é necessário dar-mo-nos conta do bem que existe felizmente em medida enormemente superior ao mal, e amar tanto mais a nossa sociedade quanto mais difícil parece podermos compartilhar, no seu interior, de uma convivência pacífica. E em terceiro lugar, é necessário não cairmos no arranjismo e no ceticismo, mas crermos na Providência e invocarmos a Providência, humilde e confiadamente.

2. Atualização e renascimento na linha do Concílio

Segundo o Concílio, atualização e renascimento não significam nem implicam apenas “ser Igreja” de modo meramente novo e diferente, mas sobretudo de modo mais vivo, mais genuíno, mais inflado de fé e de caridade.

Ser-nos-ia grato, Irmãos e Filhos caríssimos, poder transmitir, a vós e a todos aqueles aos quais chega o eco desta nossa simples conversação apostólica, uma idéia, uma convicção. É esta: nós, como crentes, como afastados no tempo mas intimamente tão próximos seguidores de Cristo, como membros da Igreja Católica pós-conciliar, nós devemos “fazer alguma coisa mais” do que temos feito até agora. A vós, fiéis, que não desejais nada de melhor que “a autenticidade” e procurais sair do crepúsculo nebuloso das incertezas espirituais, gerado em todos nós pelo próprio desenvolvimento da cultura moderna e pelo sinistro espírito de um implacável criticismo; a vós especialmente, irmãos no ministério sacerdotal da Palavra da Verdade e da Ação da Caridade; e a vós, espíritos eleitos, que consagrastes à religião a vossa vida, quebrando, com os sagrados votos, os vínculos de que poderia nascer obstáculo para o único e total amor a Cristo; e a vós também, irmãos e filhos, imersos na vida profana mas não sem sentirdes o tormento secreto de a modelar segundo a linha de beleza e de plenitude cristã; a todos vós propomos, como problema, ou melhor, como programa, isto mesmo: hoje, todos nós devemos “fazer mais”.

Devemos “fazer mais”

Esta mensagem não é, como poderia parecer, uma mensagem de “integrista” reacionário, no sentido de se querer atribuir à “letra”

de certas observâncias exteriores das habituais práticas religiosas e ascéticas herdadas do tempo passado, obstinada prioridade sobre o “espírito”, isto é, sobre os princípios e as virtudes fundamentais de um cristianismo imbuído de Evangelho e de comunhão eclesial, e aberto aos benefícios e às necessidades do tempo presente. Não! A nossa mensagem propõe-se ser uma chamada para aquela “atualização” que consideramos como um mandato que nos foi legado pelo Papa João XXIII e para a renovação que o Ano Santo propõe às almas vigilantes e cheias de boa vontade.

Damo-nos perfeitamente conta dos fenômenos de ordem religioso-moral, verificados depois do Concílio e que já se tornaram maduros na flexível e agnóstica formação psicológica da presente geração, saída do turbilhão da guerra e agredida pela vertigem do progresso científico, econômico e social dos nossos dias. É uma análise, esta, a que muitos escritores e oradores procederam, descrevendo-a de variadas maneiras. A nossa reflexão pode valer-se de numerosos e diversos textos que a sustentam. Mas por agora limitamo-nos a aludir a alguns fatos evidentes. Por exemplo: as estatísticas da frequência à Missa nos domingos e dias de preceito, fonte e medida da vida religiosa do povo; as vocações para o sacerdócio ou para a profissão religiosa; ou então a importância mais ou menos prevalente dada à fé, expressa na sua textual integridade; ou ainda a seriedade e a limpidez dos costumes; ou, finalmente, a ação quantitativa e qualitativa das nossas associações, a estima pela autoridade religiosa e pastoral e a sua aceitação, a produção literária e artística da nossa cultura, etc. Deixamos ao vosso espírito de observação a tarefa de continuar esta análise.

A psicologia da mudança

Com a graça de Deus, poderíamos enumerar alguns fatos de grande importância, dos quais se pode e deve mesmo esperar consoladores resultados e promessas mais lisonjeiras ainda. Fá-lo-emos, se a Deus aprouver. Mas neste momento parece-nos ser nosso dever fazer notar, com dolorosa sinceridade, que não poucos diagramas destes fenômenos que interessam a vida eclesial, registram uma curva descendente. (Aliás, análogos resultados poderíamos obter da observação da sociedade temporal; mas de momento limitamo-nos ao campo da nossa competência). Que acontece? É difícil responder em duas palavras. Mas, olhando de fora para os fatos no seu conjunto, poderíamos dizer que as inovações, oportunas e por vezes

necessárias, suscitaram em muitos ânimos um desejo inquieto e até, nalgum ou outro caso, cego, de mudança, fosse ela qual fosse. Esta psicologia da mudança transformou-se facilmente em anseio e em sentido de libertação; e esta, por sua vez, não se espantou ao tocar a meta da desagregação, da infidelidade, da queda no vago e no vazio. Assim parece ter-se feito coincidir a novidade, e na mesma medida em que desprendida dos vínculos, internos e externos, da tradição normativa, com o bom, com o melhor... Ora, e se este processo de decadência modernista devesse continuar, atingir as estruturas da Igreja, os seus compromissos doutrinários e morais, os seus seculares institutos dedicados à perfeição cristã e à atividade apostólica? (cfr. L. BOUYER, *La décomposition du catholicisme*, Aubier, 1968).

Devemos invocar o Espírito de luz e de fortaleza para superarmos esta hora histórica de passagem de um estado eclesial que podemos, sem o desacreditar, qualificar de consuetudinário, tradicional, para um estado que não seja simplesmente novo e diferente, mas seja mais vivo, mais genuíno e mais informado pela fé e pela caridade.

Uma exigência primária

Esta é uma das primeiras exigências do Evangelho. Lembrai-vos que Jesus disse: “Se a vossa justiça não for maior que a dos Escribas e Fariseus, não entrareis no reino dos Céus” (Mt. 5, 20). E os Escribas e Fariseus eram então considerados como os representantes da fina flor da sua sociedade! Mas Jesus, cujas palavras superaram todos os limites daquele *mais* a que nos referimos, disse ainda: “Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus” (Mt. 5, 48).

E aqui entra o Concílio a comentar solenemente: “... todos, na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer sejam guiados por ela, são chamados à santidade, segundo a expressão do Apóstolo: “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1 Tess. 4, 3; Ef. 1, 4; *Lumen Gentium*, 39-42).

Estará sempre presente em nós este ideal, imagem e estímulo para o real, para uma interpretação forte e sublime da nossa vocação cristã? Nós, cuja responsabilidade a este respeito é maior do que a de todos os outros, dizemo-vos que o deve estar. Quanto maiores hoje são a irreligiosidade, o secularismo, a sedução mundana, a oposição e a hostilidade ao cristianismo, tanto mais consciente, mais vigilante, mais solidário e amoroso deve ser o nosso esforço

por igualar e superar estas dificuldades. Não basta sermos cristãos de nome e de adesão tibia, fraca, passiva a este nome programático. É preciso que o sejamos com novo vigor, pessoal e coletivo, recordando sempre o desafio do Apóstolo: “Quem poderá jamais separar-nos da caridade de Cristo?” (Rom. 8, 35).

3. A evangelização do mundo, missão essencial da Igreja

Encerrado o Terceiro Sínodo episcopal sobre “Evangelização no mundo contemporâneo”, o Papa relembra a todos os fiéis que a missão essencial da Igreja — levar Cristo ao mundo — deve, na profunda consciência de todo cristão, transformar-se num eco: ele é portador de uma vocação missionária, que se há de traduzir em fórmula, em programa, em felicidade de vida.

Para nós, que neste colóquio despretensioso mas substancial, vamos procurando individuar as necessidades mais importantes e vitais da Igreja nos nossos dias borrascosos e decisivos, um dos significados que emergem do Sínodo Episcopal encerrado na semana passada, é o que vai direito ao coração do tema estudado pelo mesmo Sínodo: “a evangelização do mundo contemporâneo”, e que responde à seguinte pergunta: no fundo, de que é que necessita esta evangelização, que nos foi apresentada como a missão essencial e primária da Igreja, como a sua razão de ser, na medida em que é instrumento da economia sobrenatural, divina, da epifania religiosa neste mundo e no mundo futuro, isto é, da própria glória de Deus, e da salvação verdadeira e definitiva da humanidade? De que é que necessita, de que é que se serve, o que é que a enriquece, e o que é que lhe falta?

É claro que esta pergunta fundamental, quase banal, não vai no sentido de individuar a causa primeira da evangelização, que é, como sabemos, o Espírito Santo, o qual procede do Pai, fonte primeira da Verdade, da Palavra que se encarnou em Jesus Cristo, que, juntamente com o Pai, envia precisamente o Paráclito aos Apóstolos (cfr. Jo, 16, 7) e à Igreja (cfr. At. 2, 4). E é clara também a aceitação, pela nossa parte, do mistério da evangelização, isto é, do sistema escolhido por Deus, para difundir na humanidade a Sua mensagem de verdade e de graça. Mas este sistema que não é, por assim dizer, automático, nem puramente carismático e autónomo; ou melhor, não está dotado, depois do seu primeiro anúncio evangelico, de auto-suficiência, como poderia acontecer com o ensinamento de uma doutrina ou de uma *praxis*, providas de evidência intrínseca e

obrigante, e que, por consequência, poderia difundir-se por si só, em virtude precisamente da própria evidência empírica ou científica, acessível à inteligência natural de quem a estuda, a compreende e a comunica. Trata-se, antes, de um sistema fundado no testemunho pessoal daquele que anuncia essa mensagem; isto é, de um sistema apoiado, por um lado, num Magistério que dá testemunho em virtude do Espírito Santo e que se estende a uma comunidade inteira de discípulos e de fiéis, animada pelo mesmo Espírito; e por outro lado, fundado na fé, quer dizer, no assentimento intelectual, movido pela vontade livre, à referida mensagem: mensagem, dizíamos, de verdade e de graça, isto é, de pensamento iluminador e de graça operante, mensagem de vida. Por outras palavras, admitimos que a difusão do Evangelho tem necessidade, prática e historicamente, de uma evangelização, de uma mediação humana; e precisamente de uma causa cooperante (cfr. 1 Cor. 3, 9), ministerial humana, jerárquica em sentido próprio, e comunitária, isto é, solidária e coeficiente: tem necessidade de um sacerdócio sacramental e de um sacerdócio comum, como nos ensinou claramente o Concílio (cfr. *Lumen Gentium*, nn. 10, 11, 28).

Assim, a resposta à pergunta que antes fizemos, é a seguinte: a Evangelização tem necessidade de homens. É uma resposta tão simples que pode provocar desilusão: já o sabíamos! Mas, atenção!: se isto era já sabido, porque é que faltaram os homens, ou, ao menos, porque é que não foram em número suficiente? E hoje, que a reflexão sobre o sacerdócio comum nos adverte que todo o cristão, todo o batizado, leva dentro de si uma vocação missionária, um chamado para o apostolado, quer dizer, para a honra e para a responsabilidade da difusão do Evangelho, como se explica que ainda hoje a evangelização se vai realizando com tanta dificuldade e tanta fadiga? Se sabíamos que a economia do Evangelho se apóia na cooperação livre e voluntária, mas moralmente exigente, por parte de todos os cristãos, a carência de homens que façam do apostolado um programa de vida não se converterá em acusação contra a negligência e a infidelidade de tantos seguidores de Cristo, que de Cristo se não importam, ou talvez O tenham mesmo abandonado?

Se meditarmos neste aspecto da vida cristã, marcada pela obrigação de uma profissão militante da fé, não nos parecerão desanimadoras as dificuldades encontradas por tantas Igrejas locais, e mesmo pelo conjunto da Igreja católica, no esforço de Evangelização, quer no interior da comunidade daqueles que se professam católicos, quer fora dela, na área circundante de tantos e tantos concidadãos, fre-

quentemente não só passivos, mas mesmo hostis à vida religiosa e à caridade social que da vida religiosa deve resultar?

Surgem, aqui, duas questões que necessitam de estudo e de conclusões mais positivas do que aquelas que ordinariamente hoje delas se dão.

Primeira: hoje em dia, será ainda admissível o proselitismo, o apostolado, o esforço missionário? A liberdade de consciência e o pluralismo de opiniões não anulam já, hoje, toda e qualquer preocupação apologética da nossa fé? A resposta é: Não! não anulam, antes pelo contrário, impõem o dever de evangelizar, que deve ser cumprido no respeito pela consciência e pelas opiniões de outrem, mas com igual ou maior solicitude de testemunho, de exemplo e de assistência, e com não menor sabedoria de motivos e de meios de persuasão: a evangelização será pedagogicamente mais cuidadosa e mais atraente, mas não se poderá nunca renunciar a ela.

Segunda questão: como se explica que, segundo os dados estatísticos, hoje a evangelização carece, quase por toda a parte, de quem dela faça a sua própria missão? Eis o problema das vocações, tanto da vocação comum, de todo o Leigo católico que deseje ser autenticamente fiel, como da vocação específica de quem escuta dentro de si e também fora, o convite heróico e alegre de consagrar a própria existência ao seguimento de Cristo, e mais explicitamente, à vida religiosa e à vida sacerdotal.

Problema aberto! Aberto, em virtude da escassez de pessoas que dêem a resposta que São Paulo deu, sob a forma de interrogação, quando se viu fulminado, a caminho de Damasco: "Senhor, que quereis que eu faça?" (*At.* 9, 6); aberto, pela amplidão e pela complexidade do mundo contemporâneo, que quanto mais se afasta de Cristo, tanto mais sente, como rebanho sem pastor (*cfr. Mt.* 9,36) a sua falta pungente; aberto à geração anciã, que, ao tender para o ocaso, não raro sente a estranha mas nunca tardia chamada para as grandes tarefas do espírito e da caridade; aberto especialmente para a geração nova, que, nem toda ela queimada pelos fogos fátuos do mundo exterior da fortuna e dos sentidos, mas sensibilizada pelas luzes, mais misteriosas, do mundo interior da verdade e do sacrifício, está disposta a responder: "Eis-me aqui, pois me chamaste!" (*1 Rs.* 3,6)

Aberto, dizemos. Entretanto concluamos, com a Nossa óbvia afirmação, agora de tamanha atualidade: a evangelização, o Reino de Deus, a Igreja, tem necessidade de almas, de homens e mulheres que façam dela a fórmula, o programa, a felicidade da própria vida.

Nós, rezamos. E abençoamo-vos a todos.

VIII. NECROLÓGIO

Pe. Celestino Abbate

* em Corigliano d'Otranto (Lecce — Itália) 9-2-1902 † Corigliano 14-9-1974 com 72 anos, 52 de profissão, 45 de sacerdócio.

Pe. Celestino fizera-se salesiano para ser missionário e assim obteve permissão de servir no Paraguai. Por motivos de saúde, porém, foi obrigado a voltar à pátria após 3 anos apenas, com grande sentimento seu, mas conservou de lá grata lembrança por toda a vida. Era dotado do sentido prático da administração; mas foram as confissões o campo de trabalho apostólico em que mais despendeu suas energias sacerdotais. Era infatigável e parecia esquecer-se de todas as demais ocupações, enquanto não atendesse até ao último penitente. Sentia-se feliz quando podia confessar seus contrerrâneos e dialogar com eles em seu dialeto nativo, o greco-corilhiano. Cheio de bondade sabia cativar a alma de todos com as boas maneiras que o distinguiam. Quem dele se aproximasse era logo conquistado por seu modo bondoso e alegre e ao mesmo tempo simples e firme, e se lhe afeiçoava para sempre. As doenças, os achaques, impediram-lhe nos últimos tempos qualquer atividade, e então ocupou-se em rezar e em oferecer seus sofrimentos pelas vocações.

Pe. José Adams

* em Webbekom (Bélgica) 21-4-1922, † em Lubumbashi (África Central) 19-10-1972 com 50 anos, 29 de profissão, 20 de sacerdócio. Foi diretor por 14 anos.

Desejava desde jovem tornar-se sacerdote missionário. Logo após a ordenação foi enviado à África. No começo como mestre, depois no duro trabalho de missionário itinerante, e por fim responsável pela missão, pôde realizar seu ideal e corresponder ao apelo de Cristo. Nele brilharam a simplicidade e a sinceridade; não houve fendas nem brechas entre sua consciência, seus atos e sua palavra; em sua boca as palavras tinham um significado como sua vida tinha um só fim: levar a todos a fé, a esperança e o amor. Sereno, corajoso e piedoso, quis doar-se até o fim e morrer em meio àqueles pelos quais havia consagrado a Deus toda sua vida. Foi-nos arrebatado rapidamente por uma crise de coração.

Pe. Ricardo Altério

* em Valência (Venezuela) 24-2-1910, † em Caracas (Venezuela) 22-9-1974, com 64 anos, 46 de profissão, 39 de sacerdócio. Foi Diretor por 30 anos.

Dotado de superior inteligência e tenaz memória unidas a uma vontade férrea, dedicou toda sua vida ao estudo e à formação moral e científica de gerações de jovens, quer em nossos liceus, dos quais foi por muitos anos exímio diretor, quer na universidade da qual foi professor muito estimado. Como estudioso obteve o professorado em Matemática, Física e Filosofia, licença em engenharia civil e química, doutorado em leis. Também foi dotado de uma incomum perícia na arte da música e da composição. Como religioso e sacerdote realizou-se como servo bom e fiel da Congregação e da Igreja; austero consigo mesmo e com os outros. Sua última enfermidade, cardíaca, submeteu-o a um repouso forçado e a dores não pequenas, mas revelou seus tesouros de fé e resignação.

Pe. Hugo Amuchástegui

* Añatutya (Santiago del Estero — Argentina) 24-4-1908, † em Rosário (Argentina) 11-9-1974 aos 66 anos, 40 de profissão, 41 de sacerdócio. Foi Diretor 2 anos.

Sua figura de sacerdote e mestre estão bem delineadas nestas palavras de despedida em seu funeral: “nós nos encontramos em toda parte com homens (exalunos) que pensam com as grandes categorias mentais e que agem com a robusta ténpera que o senhor soube neles forjar. O senhor continua a viver não somente lá no alto, mas também aqui. Permaneceu um pouquinho de sua alma na alma de quantos receberam suas lições de mestre e sacerdote”. “O senhor era um homem reto, daqueles dos quais — devemos admitir — sente-se a necessidade nestes tempos e que sabem dizer-nos o que é bem e o que é mal”. “O senhor parte, pedimos-lhe, porém, deixar-nos tudo aquilo que possuía: sua retidão, sua disciplina, sua ténpera moral, seu sentido de responsabilidade, sua firmeza e tenacidade própria de oriundo basco, sua capacidade para resistir, e, se preciso, para atacar. Que o senhor se despoje de tudo isso, pois que no Céu nada lhe fará falta, e o distribua como herança entre nós que de tudo isso necessitamos.”

Coad. Renato Avanzi

* em Turim (Itália) 4-6-1918, † em Turim, Monterosa 25-8-1974 com 56 anos e 40 de profissão.

Grande parte de sua vida passou-a no Oratório salesiano de Monterosa, onde desabrochou sua vocação. Foi valioso mestre nas aulas

e nas atividades de ginástica artística, onde preparou numerosos atletas de nível nacional. Entusiasta admirador de Dom Bosco, dele falava aos jovens com fervor, e imitou-o de modo especial na fidelidade ao trabalho e à oração. Referia-se à morte com serenidade e morreu improvisamente, como há muito havia pressentido, deixando viva lembrança de seu trabalho.

Coad. Máximo Barbieri

* em Olgia, Re (Novara-Itália) 8-1-1903, † em Belém (Israel) 9-10-1974 com 61 anos e 44 de profissão.

Por 36 anos trabalhou em Belém e por 7 em Aleppo, sempre como vice-mestre ou mestre de alfaiataria. Sua rara competência tornou-o conhecido na Terra Santa e na Jordânia, quase até uma celebridade, particularmente nos ambientes eclesiais e religiosos. O maior merecimento, porém, deste nosso bom irmão, reside no testemunho, dado em toda parte, de autêntico salesiano coadjutor, fiel ao espírito do Fundador. Para os numerosos exalunos, para suas famílias e para tantos conhecidos, o Sr. Barbieri foi e será sempre um ponto de referência seguro, que orienta e eleva a vida cristã. Ensinou bem e deu o exemplo de um homem realizado e de religioso coerente e de convicção.

Pe. Vitorio Bardelli

* em Morazzone (Varese — Itália) 30-4-1913, † em Sesto S. Giovanni (Milão — Itália) 22-1-1974 aos 60 anos, 43 de profissão e 33 de sacerdócio.

Viveu sua vocação salesiana na atividade docente. Dotado de inteligência, de bom preparo cultural e favorecido por um caráter amável, teve fácil aceitação entre os jovens, que lhe pagaram com sincera estima e admiração. Nossas Comunidades de Módena, Bolonha, Milão, Treviglio e Parma conheceram-no como zeloso sacerdote, valioso mestre, cordial irmão. Destinado recentemente à casa de Sesto São João, também para estar mais perto de sua mãe imobilizada no leito há anos, sentiu os primeiros sintomas do mal que inexoravelmente, apesar da intervenção da ciência médica, devia levá-lo à tumba. Faleceu cercado pelo afeto dos familiares e animado pelas orações dos irmãos.

Pe. João Bartnik

* em Jasionówka (Polónia) 28-11-1931, † em Varsóvia (Polónia) 6-9-1974 com 42 anos, 23 de profissão e 14 de sacerdócio. Foi Diretor por 1 ano.

Ponderado, sempre sereno, religioso e sacerdote zeloso. Sabia ganhar os corações dos jovens, que cem por cento freqüentavam a aula de religião organizada por ele na igreja. Após 7 anos de trabalho cate-

quístico cursou a Universidade Católica de Lublin e exerceu depois o cargo de capelão da juventude em Łódz. Nomeado diretor e pároco da basílica salesiana de Varsóvia, adoeceu e suportou com resignação e grande fé as atrozes dores da enfermidade, a tal ponto de ser apresentado pelo Bispo como modelo dos sacerdotes moribundos.

Pe. Francisco Bergmans

* em Mol (Bélgica) 25-7-1912, † em Marrero (USA) 9-2-1974 com 61 anos, 31 de profissão e 24 de sacerdócio.

O mesmo zelo apostólico que na sua juventude o levava a militar nas filas da Ação Católica e no movimento da Cruzada Eucarística, impulsionou-o a fazer o pedido para as missões, logo após ordenado de sacerdote. Foi destinado aos Estados Unidos, Este, onde desenvolveu seu trabalho apostólico em várias funções, mas especialmente no atendimento aos doentes e aos agonizantes aos quais serviu heroicamente até à morte.

Pe. Alberto Van den Berk

* em Lommel (Bélgica) 20-9-1924, † em Leuven (Bélgica) 23-4-1974 com 49 anos, 29 de profissão e 21 de sacerdócio.

Sua família — que doou à Igreja 4 salesianos e uma religiosa — traçou-lhe o caminho para crescer na certeza que Deus existe e guia maravilhosamente nossa vida, e que Nossa Senhora é um verdadeiro sustentáculo naquele caminho. A força motriz de seu sacerdócio: ajudar os jovens a descobrir Deus. Foi também sua força para suportar os últimos anos de enfermidade e de necessário repouso. Eis suas últimas palavras escritas: “Aguarda com quietude o que Deus faz”. Enquanto se restabelecia em sua saúde, a vida foi-lhe truncada por um incidente.

Pe. João De Belli

* em Trieste (Itália) 17-11-1908, † em Pordenone (Itália) em 1-10-1974 com 65 anos, 49 de profissão e 40 de sacerdócio.

A chamada de Deus encontrou-o obediente e sereno. Pois que há muito tempo preparava-se para o encontro com o Pai. Seu coração bom e repleto de harmonia não suportava mais o arrojo de vida e o anseio salesiano de apostolado. Dotado de fina sensibilidade e delicadeza, suscitava em todos que encontrava uma amizade perene em um estilo de fraternidade salesiana. Levou ao trabalho diário das aulas, sacrificado mas alegre, uma cuidadosa vigilância de atos, gestos e pala-

bras, com uma didática paciente que forjava os meninos à ciência e à vida. O meio, porém, de comunicação e educação, mais seu propriamente, foi a música, compreendida como férvido incentivo de vida colegial e como interpretação da alma dos jovens que é alegria e liberdade. Nas casas de Verona, Trento, Gorizia, Mogliano e Pordenone deixou a marca de sua bondade e uma grande saudade.

Pe. João Domingos Dompé

* em Turim (Itália) 13-1-1934, † em Turim (pertencia à inspetoria de Campo Grande) 15-7-1974 com 40 anos, 23 de profissão e 13 de sacerdócio.

Assim que terminou o tirocínio em Perosa e Fossano partiu como missionário para o Brasil. Os 13 anos de seu apostolado sacerdotal foram todos consagrados em Mato Grosso, — Três Lagoas e Campo Grande — com entusiasmo juvenil aos alunos e aos fiéis. Atacado por um insidioso mal, voltou à Itália no passado mês de abril, e constatado ser inútil qualquer tratamento, recolheu-se à sua família onde sua mãe, as irmãs, o irmão e os salesianos da Crocetta o assistiram com comovedor carinho de dedicação. Com apenas 40 anos de idade João Domingos completou o holocausto de sua vida missionária, lembrando-se com grande saudade das missões de Mato Grosso, até o último dia.

Pe. Carlos Driessen

* em Berckheim (Bélgica) 3-1-1899, † em Korbeek-lo (Bélgica) (pertencia à comunidade de Oud-Heverlee) 16-5-1974, com 75 anos, 55 de profissão, 48 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Sua vida salesiana passou-a toda inteira a serviço do estudo e da formação dos irmãos na preparação ao sacerdócio. Possuía láurea em teologia, mas era tão simples, servil e amável quanto erudito. Todos chamavam-no “o pai”. Era homem de extrema condescendência, disposição e ânimo, um pouco tímido talvez, mas estimado e benquisto por todos. Extinguiu-se lentamente, sem muito rumor, como vivera. Queira o Senhor abrir-lhe agora a plenitude de bondade e sabedoria.

Pe. José Dutto

* em Elotornado (Santa Fé — Argentina) 17-5-1917, † Racconigi (Cuneo-Itália) 24-7-1974 com 56 anos, 41 de profissão, 32 de sacerdócio. Pertencia à comunidade de Turim-San Paolo.

Foi chamado improvisamente pelo Pai Celeste enquanto viajava em carro com o Pe. José Tafuri “para servir aos outros”, como havia

feito toda sua vida. Por 18 anos deu testemunho de sua dedicação ao Senhor, a Dom Bosco e aos jovens, com sua humilde simplicidade e constante trabalho, em Turim, na casa San Paolo.

Por muito tempo administrador fiel e preciso e, em todos os anos de seu sacerdócio, mestre prezado e estimado.

Pe. José Maria Enseñat

* em Balaguer (Lérida — Espanha) 29-6-1911, † Barcelona (Espanha) 11-6-1974 com 63 anos, 46 de profissão e 27 de sacerdócio. Foi diretor por 18 anos.

Completo salesiano-sacerdote, viveu a caridade pastoral num ritmo que lhe aniquilou o coração em uma idade em que suas iniciativas estavam ainda em pleno vigor. Realizou-se nele aquilo que é típico da vida salesiana: viver totalmente dedicado à formação dos jovens, dia a dia, durante 46 anos. Diretor em Pamplona, Sarriá, Mundet e Tibidabo, permaneceu nesta última casa como Reitor do Templo e da paróquia. Consumiu sua vida como animador de grandes empreendimentos, direção espiritual, adoração perpétua, jornadas em honra do S. Coração, promoção vocacional. Todos que dele se aproximaram sentiram o benéfico influxo de sua amizade sacerdotal, de sua vibrante cordialidade de simpatia e compreensão, que estimulava os jovens e adultos a doar o melhor de si mesmos.

Pe. João Ferrarese

* em Pontecchio Polesine (Rovigo — Itália) 9-4-1915, † Varese (Itália) 16-9-1974 com 59 anos, 42 de profissão, 31 de sacerdócio.

Seu desaparecimento conservou o estilo de sua vida: o silêncio e desejo de não causar nenhuma dificuldade. Para a morte, que se lhe apresentou rápida, já se preparava com longos anos de sofrimento e oração. Dotado de inteligência brilhante e metódica, como clérigo e sacerdote lecionou filosofia nos estudantados de Foglizzo e Nave. Porém em breve um grave e progressivo debilitar-se, acrescido com diversas complicações de saúde, como uma gravíssima afecção cardíaca, reduziram lenta e implacavelmente suas atividades. E isto lhe trouxe um duro padecimento: viver entre os que trabalhavam nas aulas como simples espectador. Abriu-se-lhe, porém, desta forma um novo horizonte: a profundidade de uma vida espiritual feita de oração e contemplação, tornando-se o catalizador da graça divina que derramava sobre a casa, sobre os jovens, sobre a congregação.

Coad. Pedro Ferraris

* em Mirabello Monferrato (Alessândria — Itália) 27-2-1915, † Boston (USA) 27-7-1974 com 59 anos, 42 de profissão.

Homem de grandes dotes de inteligência e de coração, era muito preparado no campo da agricultura científica. Lecionou em Cumiana enquanto dirigia uma revista agrícola nacional, e presidiu à secção de agricultura do instituto de Colle Don Bosco. Seguiu depois para os Estados Unidos onde foi válido auxílio no encaminhamento da nova escola agrícola em Huttonsville, Virgínia. Desempenhou o mesmo papel em outra escola igual em Santa Cruz, Bolívia. Voltando aos Estados Unidos executou a tarefa de mestre e consultor em diversos institutos nossos. Foi um homem de trabalho inteligente e sacrificado, sempre a serviço dos jovens.

Pe. José Galliani

* em Lesmo (Milão — Itália) 20-11-1909, † El Cairo (Egito) 19-2-1974, com 64 anos, 41 de profissão, 32 de sacerdócio.

Foi admitido, muito jovem ainda, ao aspirantado missionário de Ivrea. Completou sua formação na Terra Santa, onde foi ordenado de sacerdote. Trabalhou assim em diversas casas da Inspetoria nas ocupações de Conselheiro, Catequista e Prefeito, e nos últimos 15 anos como confessor no Cairo. Viveu profundamente, com entusiasmo e coerência a vocação de sacerdote-educador e desempenhou-se desta missão em um estilo digno de admiração e imitação. Sua direção espiritual era muito estimada por religiosos e muitíssimo pelos jovens. A acolhida paterna, a compreensão humana, a clareza de conceitos, a maneira encorajadora para o bem, tornavam disputado seu ministério. A tudo isto unia o ensino, que não quis jamais interromper senão diante do mal que devia levá-lo à eternidade.

Pe. Carmelo Gammacurta

* em Túnis (Tunísia) 2-4-1912, † Turim (Itália) (pertencia à comunidade de Táranto) 17-8-1974 com 62 anos, 37 de profissão, 19 de sacerdócio.

Criado na obra salesiana de La Marsa, revelou logo grande afeição a Dom Bosco e à vida salesiana. Grande devoto de N. S. Auxiliadora deixou, especialmente em Táranto onde por muitos anos trabalhou e sofreu, o testemunho sacerdotal do homem de Deus que fizera de sua vida uma chama ardente, e da Sala de aula, como eficiente mestre, um precioso instrumento de apostolado. Religioso observante e de muita piedade, delicado e pontual, sempre servicial, unia à simplicidade da

vida a prudência e a fortaleza das grandes almas. Deixou muita saudade entre alunos e ex-alunos aos quais irradiava uma aura de simpatia através do trabalho de uma amizade verdadeiramente sincera.

Pe. Felipe Garais

* em Alpachiri (La Palma — Argentina) 6-2-1921, † em San Nicolás de los Arroyos (Argentina) 23-12-1973 com 52 anos, 30 de profissão, 21 de sacerdócio.

Sua vida, marcada pela caridade de Cristo, foi sempre um caminho aberto para Deus. Misiones, Resistencia, Rosário, Trinidad foram o campo do seu apostolado. Era robusto, forte, resistente à fadiga. O ritmo de seu trabalho nos últimos anos era esmagador: dava aulas pela manhã e depois cuidava do oratório cotidiano até a meia-noite. Foram os adultos o objeto principal de seus cuidados pastorais. Com simplicidade e humildade deu-nos o exemplo do cristão que se esquece de si mesmo para pensar nos outros, sempre com a alegria sã de um filho de Dom Bosco. Seu amor à Mãe de Deus foi contínuo e profundo. No hospital, sob a dor da comoção cerebral, gritava alto: “Ora pro nobis”. Muitos pobres e humildes acorreram ao seu enterro para lhe dar o adeus ao Pai que a eles se doara totalmente.

Pe. Antonio Garcia Garrizo

* em Aguilares (Tucumán — Argentina) 3-1-1911, † Córdoba (Argentina) 6-10-1972 com 61 anos, 42 de profissão, 29 de sacerdócio.

Desabrochou em nosso colégio General Belgrano de Tucuman a sua vocação, cultivada depois com carinho no período de formação. Desenvolveu seu apostolado salesiano em diversas casas da Inspeção. De modo especial nos últimos tempos, em contato com o movimento de “cursilhos de cristandade” promoveu uma espiritualidade séria centralizada acima de tudo na oração.

Coad. Luiz Ghezzi

* em Sirtori (Como — Itália) 15-10-1888, † em Cremisan (Israel) 19-9-1974 com 85 anos e 44 de profissão.

Ingressou na Congregação aos 42 anos de idade, trazido pelo desejo de se dedicar completamente ao apostolado missionário. Animado por uma fé profunda, consumiu sua vida em um trabalho incansável amparado por uma oração intensa. Foi de edificação a todos, e quantos o conheceram são unânimes em admitir sua santidade de vida, na esteira do servo de Deus Simão Srugi e de João Batista Ugetti. Com muito zelo pelas almas, soube fazer-se estimar e amar pelos jovens,

mesmo de outras Religiões, e por todos os operários com quem teve contatos de trabalho. Nele brilhava de modo particular uma piedade viva, que se revelava em um grande amor a Jesus Eucarístico e numa terna devoção a Maria Santíssima. Muito apegado a Dom Bosco, lia assiduamente e com amor filial as Memórias Biográficas e mostrava especial cuidado para que fosse sempre conservado o genuíno espírito salesiano em nossas comunidades.

Pe. João Batista Giario

* em Benevagienna (Cuneo — Itália) 19-2-1889, † Pinerolo (Turim-Itália) 18-9-1974 com 85 anos, 69 de profissão, 61 de sacerdócio. Foi diretor por um ano.

Com 10 anos entrou em nosso colégio de Turim-Martinetto, dizem precocemente: “Quero ser padre de Dom Bosco”. Foi sacerdote por 61 anos! De inteligência aguda, dedicou-se particularmente ao estudo e ao ensino. Conhecia bem o hebraico, falava sete línguas modernas, tinha predileção para o ensino do grego, do latim, da filosofia, dando ao seu ensino um tom cristão profundo e sentido que angariou para a Igreja e para a Congregação tantas e belas vocações. Terminou sua vida na casa de noviciado de Pinerolo, vivendo de oração, dos temas prediletos de sua cultura e circundado pelo afeto, estima e veneração de muitos ex-alunos e das várias gerações de noviços que se sucediam a cada ano. Dizia: “Entreí para os Salesianos no início do Ano Santo 1900, concluirei minha vida no começo do Ano Santo atual”. Teve uma santa morte.

Pe. Ramón Gironés

* Fatarella (Tarragona — Espanha) 3-8-1898, † Barcelona (Espanha) 28-1-1974 com 75 anos, 49 de profissão, 41 de sacerdócio.

Conquistado pela vocação salesiana desde jovem, a ela se consagrou com doação total de si mesmo em nossas obras de Béjar, Tibidabo, Valencia, Pamplona, Tarrasca e Barcelona-Meridiana. Salesiano de fidelidade absoluta à missão educativa que serviu com toda sua alma, com todo seu coração, um coração de ouro feito todo de bondade. Foi um grande apóstolo do sacramento da reconciliação. A ele acorriam muitos, atraídos por sua retidão e clareza evangélica segura no momento de aconselhar e orientar, e acima de tudo por sua bondade e generosa compreensão, à moda de Dom Bosco, pela sua nobreza de sentimentos e por sua alma límpida, sacerdotal e salesiana cem por cento. Não perdeu jamais sua jovialidade e seu bom humor, nem mesmo nos últimos meses quando atribulado pela enfermidade purificadora.

Pe. Witório Golak

* em Poznań (Polónia) 22-7-1917, † Łódz (Polónia) 7-9-1974 com 57 anos, 37 de profissão, 29 de sacerdócio.

Em sua vida salesiana distinguiu-se a nota característica da observância religiosa e a constância nos deveres. Devido às dificuldades causadas pela guerra completou seu tirocínio e o estudo da teologia na Lituania. Como sacerdote, pároco e decano exigente, nem sempre gozava de grande simpatia. Ultimamente uma doença que não perdoa obrigou-o a abandonar seu trabalho de fervoroso pregador. Para ele foi uma grande dificuldade resignar-se à vontade de Deus, mas conseguiu com muita confiança em Nossa Senhora e em Dom Bosco, cuja relíquia manteve consigo até o último suspiro.

Pe. Francisco Goossens

* em Malderen (Bélgica) 30-6-1913, † Gent (Bélgica) 19-2-1974 com 60 anos, de profissão, 31 de sacerdócio. Foi diretor por 16 anos.

Médico do corpo e da alma, enfermeiro tropical e missionário, começava sempre por aliviar os sofrimentos corporais dos mais pobres, dos mais abandonados destas regiões perdidas de Kakyelo e de Kiniam, para chegar até às misérias espirituais. Caráter bom e doce, sereno e enérgico, era aceito por seus paroquianos qual pai e pastor. Aproximava-se de todos e sempre com um amável sorriso. Os acontecimentos penosos e as circunstâncias difíceis de 25 anos de vida missionária não conseguiram abalar seu otimismo evangélico. Trabalhou sem descanso até que um câncer sem dó no-lo roubou em poucos meses.

Coad. Vicente Grünthanner

* em Rothmühl (Oberpfalz — Alemanha) 2-11-1907, † Penzberg (Alemanha) — (hospital) da casa de Benediktbeuern) 25-9-1974 com 66 anos, 45 de profissão.

Conhecido por muitos somente pelo nome de “Vicente”. Assim chamado quando era porteiro em diversas casas e quando atuava como intérprete para língua alemã nas Catacumbas de S. Calisto em Roma. Seus dotes musicais serão lembrados por muito tempo. Bom trompetista, perfeito jogador de xadrez e excelente ator. De maneira fina e com agudeza apresentava seus “bons mots” (graças espirituosas) na vida salesiana de cada dia. Em que grau fosse firme, piedoso e fiel a Dom Bosco em seu coração, notava-o só quem bem o conhecia; mas o foi de verdade. Após sua morte, encontrado em seu quarto um bilhete de seu próprio punho dizia: “Morreu no 67.º ano — pode estar perto” Um documento evidente de sua preparação para a morte.

Pe. José Kerec

* em Sebescan (Eslovênia — Iugoslávia) 14-10-1892, † Verzej (Eslovênia — Iugoslávia) 27-6-1974 com 81 anos, 59 de profissão, 51 de sacerdócio. Foi diretor por 14 anos.

Distinguiu-se como missionário na China, onde trabalhou por 30 anos como Administrador Apostólico em Chaotung. Após a expulsão transcorreu sua vida na pátria, prestando seu auxílio no trabalho pastoral. Sua característica foi laboriosidade, zelo missionário, devoção a N. Senhora, caráter otimista e sereno.

Pe. Luiz Kovacic

* em Doklezovje (Eslovênia — Iugoslávia) 25-5-1902, † Lubiana (Iugoslávia) 18-8-1974 com 72 anos, 50 de profissão, 40 de sacerdócio.

Caráter incansável, uma vida muito provada, um campo de trabalho imenso. Nos últimos dez anos, apesar de doente do coração, não repousava. Foi salesiano de convicção sempre maior.

Pe. Emílio Lenzi

* em Bolzano (Itália) 25-2-1885, † Córdoba (Argentina) 5-10-1972 com 87 anos, 67 de profissão, 59 de sacerdócio.

Seu espírito missionário levou-o a terminar em Bernal seu noviciado iniciado em Foglizzo. Nestes últimos anos os salesianos da inspetoria nele viam o último dos grandes missionários da primeira hora.

Realmente sua vida, consagrou-a inteira à missão de educar os jovens dos nossos colégios e oratórios e aos cuidados pastorais de nossas paróquias. É um benemérito do canto e da música educativa e religiosa. Mas sua "paixão dominante" foi a catequese e a preparação das crianças para a primeira comunhão. A estas ocupações pode-se acrescentar a inesgotável dedicação ao ministério das confissões. A estes ministérios dedicou suas energias até quase à vigília de sua morte. Todos nele viam o sacerdote zeloso, o salesiano sacrificado, o confessor prudente: uma imagem concreta do Bom Pastor.

Pe. Antônio Van Lier

* em Millingen (Holanda) 10-9-1911, † Oud-Heverlee (Bélgica) 29-10-1974 com 63 anos, 41 de profissão, 33 de sacerdócio]. Foi diretor por 4 anos.

Por 30 anos trabalhou em meio aos jovens com toda a alegria do seu coração e a habilidade de suas mãos e do seu ânimo. Depois seguiu para o estudantado de teologia onde, no trabalho de ecônomo e de vigário, assumiu a responsabilidade material das finanças e da ad-

ministração da casa. Desempenhou-se com conhecimento, pontualidade e diligente solicitude. Sua vida entre os estudantes de teologia tornou-se um curso de formação permanente para eles. Uma crise cardíaca no-lo arrebatou num instante. Necessitávamos tanto ainda dele. Estamos convencidos de que está junto de Deus.

Pe. Rosário Livatino

* em Canicattì (Agrigento — Itália) 24-11-1881, † Palermo (Itália) 5-11-1974 com 92 anos, 75 de profissão, 65 de sacerdócio. Foi diretor por 5 anos.

Bom religioso, educador salesiano ativo, responsável e amigo de seus alunos. Professor, conselheiro, catequista de valor, soube infundir nos alunos, além da cultura, uma profunda devoção a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco, que transparecia do seu olhar, de suas atitudes e de seu sorriso sempre sereno e jovial. Na idade madura, enquanto lhe permitiram as forças e a saúde, gozaram dos frutos de sua profunda devoção mariana as Filhas de M. Auxiliadora e as alunas de seus institutos aos quais a obediência o tinha destinado.

Dom Antônio Lustosa

* em São João del Rei (Minas — Brasil) 11-2-1886, † Carpina (Pernambuco — Brasil) 14-8-1974 com 88 anos, 68 de profissão, 62 de sacerdócio, 49 de episcopado. Foi diretor por 11 anos, e Bispo: 1924-28 em Uberaba, 1928-31 em Corumbá, 1931-41 Arcebispo em Belém do Pará, 1941-63 Arcebispo de Fortaleza. Em 1963 resignou.

Dom Lustosa era atualmente o bispo salesiano mais antigo. Sacerdote novo lecionou em vários colégios salesianos e se destacou como empreendedor hábil na organização da catequese nas paróquias. Achar-se em plena maturidade e trabalhou sempre sem se poupar. Entre suas numerosíssimas realizações como bispo devemos recordar a estação de rádio do Ceará em 1962, o pré-seminário, o seminário menor, casa de beneficência, hospital, um santuário em honra de N. S. de Fátima, escolas populares e ambulatórios médicos na periferia da cidade. Deu grande impulso à Federação dos Círculos Operários, e fundou uma congregação feminina que colabora eficazmente na pastoral paroquial e que se difundiu pelo Nordeste do Brasil. Publicou vários volumes de argumento religioso e uma grande quantidade de cartas pastorais endereçadas ao seu clero, aos religiosos, ao povo. Quando se sentiu cansado pela idade, declinou sua responsabilidade em mãos mais jovens, e se retirou à casa salesiana de Carpina. Pregações, livros e artigos para os jornais e acima de tudo orações preencheram seus últimos anos de vida.

Pe. José Maria Márquez

* em Aguilar de la Frontera (Córdoba-Espanha) 24-7-1913, † Algeciras (Cádiz — Espanha) 31-8-1974 com 61 anos, 41 de profissão, 32 de sacerdócio.

Filho de uma família profundamente cristã, foi muito cedo chamado pelo Senhor para ser testemunha sua. Empregou grande parte de sua vida no apostolado paroquial em Algeciras, completado com horas de aula em nosso colégio da mesma cidade. Homem afável, jovial, sorridente, com um sentido de humanidade e um zelo sacerdotal que o tornava benquisto por todos. Estava sempre à disposição para servir aos irmãos. Deixou-nos seu exemplo de homem generoso, simpático, fiel. Por isso, mesmo envolvidos em profunda dor, estamos contentes, porque “a morte aos olhos do religioso não é triste: é repleta de esperança de entrar no gozo do Senhor. E quando acontecer que um Salesiano sucumba trabalhando pelas almas, a Congregação conseguiu grande triunfo” (Const. art. 122). É o melhor comentário à morte do Pe. José.

Coad. Francisco Monticone

* em S. Damiano d'Asti (Itália) 31-12-1911, † em Turim, Valdocco (Itália) 9-7-1974 com 62 anos, 31 de profissão.

Perdemos no Sr. Monticone uma das figuras mais características do salesiano coadjutor missionário, verdadeiro filho de Dom Bosco. Passou toda sua vida nas missões do Equador, onde se prodigalizou com tenacidade e constância admiráveis no trabalho e com entranhado amor à Igreja, a Dom Bosco e à Congregação. A fazenda, o gado, o internato indígena “shuar”, mas acima de tudo o laboratório e as máquinas agrícolas constituíram sua predileção e os meios de irradiar seu espírito e suas energias. O Sr. Monticone foi principalmente homem de fé e de oração. Além da Eucaristia, o santo Rosário foi o instrumento de seu diálogo com Deus por intermédio de N. Senhora.

Pe. Estêvão Mvukyehe

* em Ruhinga (Rwanda) 1-12-1939, † Bruxelas (Bélgica) 24-8-1974 com 34 anos, 11 de profissão, 4 de sacerdócio.

“Faltaram-me muitas coisas, jamais porém os amigos”. Com essa declaração este salesiano rwandês reconheceu ter recebido de Deus um dom: o dos contatos humanos. Foi assim que ele conquistou tantos amigos em todos os lugares por onde passou para completar sua formação salesiana e sacerdotal. Mas no momento em que se preparava para assumir as responsabilidades de que os superiores queriam in-

cumbi-lo, desvaneceram todas as esperanças nele postas: o Senhor havia determinado diversamente. Faleceu num desastre rodoviário.

Pe. Angelo Olivera

* em Florida (Uruguai) 10-12-1912, † Montevideu (Uruguai) 12-8-1974 com 61 anos, 37 de profissão, 29 de sacerdócio.

Aos 20 anos de idade inicia sua vida salesiana com seu temperamento jovial, sempre disposto e generoso. Com zelo diligente de autêntico filho de Dom Bosco, procura as almas entre os humildes e necessitados. Sereno, alegre e criativo dentro da obediência, percorre a campanha como sacerdote rural, constroi uma escola para a gente humilde da periferia da Capital. Prodigaliza-se na atividade paroquial em grandes zonas urbanas e nos subúrbios, não ficando apenas nas palavras das questões discutidas em reuniões, às quais dava sua participação com sua serenidade e com soluções de ordem prática. Após sua fulmínea morte, pode-se asseverar que ele soube dar um sentido pleno e justo à sua vida salesiana e sacerdotal. Seu coração “explodiu” devido à sua total dedicação.

Pe. José Orsingher

* em Caoria (Trento — Itália) 8-11-1881, † Muzzano (Itália) 7-5-1974 com 92 anos, 73 de profissão, 64 de sacerdócio. Foi diretor por 21 anos.

Sua longa vida esteve toda consagrada ao serviço do Senhor e dos irmãos em um trabalho consciencioso e muitas vezes difícil: diretor, pároco, catequista, professor, confessor até os últimos dias. Pe. José passou entre nós como o homem simples e bondoso, de uma fé límpida, de uma candura encantadora e como homem de um perene trabalho. Sabia conquistar as simpatias de todos com sua jovialidade e serenidade de espírito, com cordialidade e um inesgotável otimismo. Estas qualidades se concretizaram, durante a guerra, em preciosos auxílios para o sustento dos aspirantes e irmãos. Atribuía tudo isto a Maria Auxiliadora, pela qual nutria vivíssima devoção que comunicava aos outros. Também grande devoto de Dom Bosco e de São José. Sua fé não estacionava nestas manifestações, imbuía toda sua vida, em primeiro lugar sua obediência e disposição a tudo que lhe fosse pedido ou proposto pelo Superior. Sempre alegre e com um sorriso nos lábios, hábil em desfazer a dramaticidade de certas situações, centralizava a comunidade, na qual expandia sua serenidade, criando em seu redor um verdadeiro espírito de família.

Pe. David Patzán

* em Guatemala (Guatemala) 27-6-1923, † La Libertad (El Salvador) 21-11-1974, com 51 anos, 33 de profissão, 23 de sacerdócio. Foi Diretor por 5 anos.

Colheu-o a morte inesperadamente durante um breve passeio com a comunidade ao mar. Sacerdote exemplar e apóstolo incansável, viveu com um grande sentido de responsabilidade e entusiasmo sua vocação salesiana entre os jovens como conselheiro, administrador e diretor. Nos últimos dois anos foi o pastor solícito e bondoso da grande paróquia de Maria Auxiliadora de San Salvador (El Salvador), onde promoveu ação apostólica ampla e apreciada. Sua morte prematura comoveu profundamente a quantos o conheceram.

Pe. Pedro Peñafiel

* em Riobamba (Chimborazo — Equador) 2-4-1901 † Riobamba 13-11-1974, com 73 anos, 50 de profissão, 43 de sacerdócio.

Quando em 1923 entrou no Noviciado, havia já iniciado no Seminário de Quito a teologia, que completou em Turim, Crocetta. Ordenado em 1931 pode satisfazer seu anseio de trabalhar nas Missões, desenvolvendo seu apostolado na Índia até 1939. Aplicou depois sua atividade na Itália, no Panamá e no Chile, voltando à inspetoria de origem em 1948. Era estimado como professor e confessor. Dedicou parte de seu tempo e de suas energias em prol dos indígenas da Sierra, e na organização dos Ex-alunos. Distinguiu-se por seu apego a Dom Bosco e aos Superiores e por sua devoção a N. S. Auxiliadora.

Pe. João Rodenbeck

* em Liernke (Westfália — Alemanha) 16-2-1900, † Duisburg (Alemanha) 25-9-1974 com 74 anos, 54 de profissão, 46 de sacerdócio. Foi diretor por 18 anos.

Mestre, catequista, diretor, lente de moral, encarregado dos cooperadores, revelou-se sempre um salesiano exemplar. “Era um fervoroso sacerdote salesiano — diz uma cooperadora — que tratava a todos com tanta simplicidade e modéstia, e um grande devoto da Virgem Maria”. Desta devoção é uma prova o fato de que sempre no final de suas visitas aos velhos ou doentes dava a bênção de Maria Auxiliadora. Veneramos um tal sacerdote e religioso para quem o seguir a Cristo, a exemplo do fundador, era lema e conteúdo de toda sua vida.

Pe. Luiz Rossetti

* em Conegliano (Treviso — Itália) 22-7-1892, † Estoril (Portugal) 3-6-1974 com 81 anos, 65 de profissão, 53 de sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Faleceu vítima de um colapso cardíaco. Deixou-nos o exemplo de uma vida intensa. Nas diversas ocupações confiadas pela obediência distinguiu-se por sua laboriosidade apostólica, especialmente no ministério da confissão, por seu gênio humorístico e alegre, e por seu espírito de fé e de amor à Congregação. Morreu na brecha. Nos últimos 22 anos foi confessor muito procurado pelas comunidades vizinhas, pelos alunos e fiéis de nossa capela do Estoril. Um homem de Deus, como já o fora seu irmão P. Hermínio. Temperamento jovial, conservava a alegria entre os irmãos com suas frases jocosas espontâneas e argutas.

Em contato com as grandes figuras de salesianos, como Pe. Rua, Pe. Albera, Cardeal Cagliero, que recordava com afeto, formou-se no amor a Dom Bosco e à Congregação e no cumprimento de seus deveres religiosos como expressão clara de sua fé.

Pe. Alfredo Ruaro

* em Anzignano (Vicenza — Itália) 15-3-1912, † Alássio (Savona-Itália) 4-4-1974 com 62 anos, 42 de profissão, 33 de sacerdócio.

Digno salesiano segundo o espírito de Dom Bosco, que tinha sempre no coração e nos lábios, juntamente com uma filial devoção a Nossa Senhora, aplicou a maior parte de sua múltipla atividade entre os jovens dos Oratórios, que atraía com sua incomparável simplicidade, com semblante sereno, índices de seu grande coração e de confiante paternidade. Sincero e zeloso sacerdote, rico de piedade, amou e atendeu até o último respiro a igreja do Colégio, da qual era reitor, deixando em seu leito de morte, como testamento aos seus fiéis que tanto o estimavam, a expressão predileta de Dom Bosco: “Nossa Senhora é a Mamãe que nos espera todos no Paraíso”.

Pe. Estêvão Ruiz

* em Las Bárcenas (Santander — Espanha) 26-12-1898, † Salamanca (Espanha) 5-9-1974 com 75 anos, 56 de profissão, 47 de sacerdócio. Foi diretor por 32 anos.

Deixou após si uma esteira luminosa com sua vida de salesiano fiel e bondoso. Um apóstolo sem compromissos, procurando sempre aumentar a fé e a graça em quantos dele se aproximavam. Religioso exemplar, na piedade vivida, no sacrifício e na doação pelos irmãos. Esforçou-se nos seus longos anos de diretorado, para construir autênticas comunidades no espírito de família tipicamente salesiano. Deu an-

damento, com critérios próprios de Dom Bosco e com grande capacidade de adaptação, a obras tão importantes como a instituição sindical “Virgen de la Paloma” e o colégio para Órfãos de Ferroviários. Suportou santamente sua enfermidade, entre os solícitos cuidados dos irmãos do Estudantado Teológico.

Pe. Mário Saladini

* em Fara de Sabina (Rieti-Itália) 3-8-1913 † Roma (Itália) 6-12-1974 com 61 anos, 41 de profissão, 31 de sacerdócio.

Filialmente afeiçoado à Congregação e a Dom Bosco amou sempre o trabalho, a que se dedicou com empenho e sacrifício. Sob uma aparência algo rude escondia um coração simples e generoso. As diversas fases de sua longa enfermidade, suportada com espírito de fé e de amor, revelaram sua força espiritual e uma elevada formação religiosa.

Pe. Adão Saluppo

* em Busso (Campobasso — Itália) 27-11-1903 † Gohen (Nova York-USA) 5-7-1974 com 70 anos, 42 de profissão, 37 de sacerdócio.

Morreu repentinamente, mas em grandíssima paz, poucas horas após ter celebrado o 37º aniversário de sua ordenação sacerdotal. Dirigindo as orações antes do almoço solene, ele mesmo se chamara, brincando, de “servo fiel”. Nascido na Itália e transferido com a família para a América, frequentou o Manhattan College para os estudos superiores. Sentiu antes a vocação sacerdotal, mais tarde a de salesiano aos tempos do Pe. Pittini, futuro bispo. Exercitou as várias ocupações sacerdotais salesianas, sendo sempre prestimoso e humilde homem de confiança para com os irmãos e tantas outras almas, de modo especial para nossos aspirantes em Goshen.

Coad. Ramón Sánchez

* em Flesteus, Curtis (Coruña — Espanha) 24-3-1898, † Buenos Aires (Argentina) 30-8-1974 com 76 anos, 45 de profissão.

Dedicou sua vida ao apostolado da Boa Imprensa como encarregado da difusão e distribuição dos livros da editora “Santa Catarina”. Mas acima de tudo por 35 anos consagrou todas as suas energias, aos sábados e domingos, como catequista em um oratório salesiano dos subúrbios. Não lhe faltou a prova da dor, e sua última enfermidade prolongou por um ano sua agonia, que ele oferecia ao Senhor para o aumento das vocações salesianas, de modo particular dos coadjutores. Em toda sua vida provou ser um ótimo filho de Dom Bosco por sua

piedade, por seu trabalho infatigável em favor das almas da juventude pobre e abandonada.

Pe. Francisco Sersen

* em Vesca pri Vodica (Eslovênia — Iugoslávia) 25-9-1907 † Zabukovje (Eslovênia — Iugoslávia) 27-8-1974, com 66 anos, 41 de profissão, 34 de sacerdócio.

Consagrou seus melhores anos como missionário no Brasil, especialmente em Araçatuba como pároco e construtor de uma bela igreja. Após 24 anos de vida missionária voltou à pátria, onde se dedicou todo ao trabalho pastoral em uma paróquia de montanha, desprovida de tudo. Foi tudo para os outros, nada para si mesmo.

Pe. João Batista Siméon

* em Marselha (França) 26-8-1884, † Marselha 17-8-1974 com 90 anos, 73 de profissão e 66 de sacerdócio.

Pe. Siméon deixa em quantos o conheceram lembrança de um homem profundamente fiel à vida religiosa e ao seu sacerdócio. Até à morte, que o recolheu rapidamente, conservou a vivacidade de espírito e a delicada sensibilidade para os problemas humanos. Consagrou o melhor de sua atividade salesiana à formação dos futuros sacerdotes, como professor de filosofia antes, e de teologia depois. Há uns vinte anos retirou-se para Marselha, onde exerceu sempre com delicada discrição um apostolado para com os irmãos, para com as religiosas e em meio ao povo do bairro. Seus preferidos foram os mais pobres e ainda aos 90 anos, apesar de sua idade, conseguia travar com eles amizades profundamente apostólicas. O testemunho de seus amigos prova que o Pe. Siméon realizou em sua longa vida a divisa de Dom Bosco: "Da mihi animas...".

Pe. César Strada

* em Peñarol (Montevideu — Uruguai) 30-11-1913, † em Montevideu 18-8-1974 com 60 anos, 43 de profissão e 35 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Atraíu-o muito jovem ainda à Congregação a vida de família, vivida em pobreza e alegria pelos Salesianos de Sayago. Como Salesiano dedicou-se inteiramente, sem se poupar, aos destinatários de nossa missão, com o estilo autêntico de Dom Bosco. Cultivou a amizade, viveu o intenso trabalho salesiano e a profunda piedade em uma moldura de particular bom humor, que tornava tão cordiais suas relações humanas. A dura prova da enfermidade purificou o holocausto de sua consagração com um autêntico testemunho de fé.

Pe. Frederico Strebel

* em Mödling (Austria) 2-7-1905 † Baden (Austria) pertenc;a à comunidade de Unterwaltersdorf, 14-6-1974 com 68 anos, 50 de profissão, 42 de sacerdócio.

Tendo regressado são e salvo da guerra, onde servira como enfermeiro e interprete, trabalhou por muitos anos em nosso ginásio-liceu de Unterwaltersdorf como professor de línguas modernas. Ao mesmo tempo atendia a uma pequena paróquia vizinha. Sua jovialidade, verdadeiramente salesiana, tornava-o respeitado e estimado em todo lugar. Como bom filho de Dom Bosco foi incansável em todas as suas ocupações. No sábado de Pentecostes, ao voltar de sua paróquia, sofreu um acidente automobilístico, em consequência do qual veio a falecer 14 dias depois, no hospital de Baden.

Pe. José Tafuri

* em Cellino San Marco (Brindisi — Itália) 19-2-1927, † Racconigi (Cuneo — Itália) 24-7-1974 com 46 anos, 30 de profissão, 20 de sacerdócio. Pertencia à comunidade de Turim - San Paolo.

Em um desastre rodoviário voou repentinamente ao Pai celeste, quando, com o irmão de congregação Pe. José Dutto, voltava da organização da colônia que estava preparando para os seus Ex-alunos. Nos seus vinte anos de sacerdócio foi o genial animador do círculo juvenil do oratório de Turim — San Paolo, com uma contínua e feliz fusão da tradição salesiana com as novas exigências dos jovens de hoje. Ao mesmo tempo sempre se prontificou com generosidade a dar aulas e atender à administração.

Pe. José Telles

* em Ponte Nova (Minas — Bras:l) 4-1-1925, † Belo Horizonte (Brasil) 20-7-1974 com 49 anos, 32 de profissão, 22 de sacerdócio. Foi diretor por 11 anos.

Sincera piedade repleta de alegria, inteligência não comum, disposição aberta a qualquer obediência, constituíam seu perfil característico. Por oito anos trabalhou em São João del Rei, entre os aspirantes e os estudantes de filosofia, onde desenvolveu a jovial espiritualidade salesiana e atividades científicas na formação dos jovens. Como vice-diretor da “Faculdade Dom Bosco de Filosofia Ciências e Letras” foi o principal promotor para se obter a definitiva aprovação federal. Como diretor dos aspirantes e do patronato agrícola para meninos pobres, sabia criar em casa uma alegre atmosfera de família e de animação na observância do Regulamento. Era inconfundível sua figura de professor preciso, estimado, e de sacerdote muito zeloso, rico de valores humanos.

Pe. Jorge Thoen

* em Rotterdam (Holanda) 27-3-1909, † Res (Alemanha) 10-5-1974 com 65 anos, 38 de profissão, 35 de sacerdócio.

(Do discurso fúnebre) Partiu para a Casa do Pai de repente. Homem de grande coração, deixou um vasto círculo de amigos. Todos que o conheceram recordar-se-ão dele como um sacerdote grande, alto, benévolo, bondoso, jovial, otimista e de profunda fé. Muito sofreu quando teve de se afastar dos paroquianos de Lauradorp para ir trabalhar entre os soldados americanos em Kassel; e mais ainda quando, por falta de forças, viu-se obrigado a abandonar também este campo de trabalho. Dedicou-se sempre aos mais pobres entre os pobres, sem distinção de idade ou de religião, falando sempre de coração a coração: esta a sua característica específica. Com este modo de agir obtinha tudo dos seus “boys” e os fez trabalhar em todas as maneiras para ajudar órfãos, velhos, doentes e necessitados. Entretanto permanecia um verdadeiro filho de Dom Bosco, muitíssimo apegado à Congregação. “Deus me concedeu — escrevia ultimamente — a graça da perseverança. Que a Santa Mãe de Deus e Dom Bosco me levem desta vida antes que eu possa me tornar infiel. Gostaria de morrer com a fé da minha primeira santa Missa, da minha primeira santa Comunhão”. E foi feita sua vontade.

Coad. Juliano Tielens

* em Liège (Bélgica) 1-1-1903, † Lubumbashi (Zaire) 27-4-1974 com 71 anos, 44 de profissão.

Quase cinquenta anos de serviço a Cristo e ao próximo, perto de 50 anos de dedicação total a Dom Bosco, de serviços ao Bispo de Sakania: anos durante os quais sempre se lembrava de estar na missão por dois motivos: antes de mais nada para exercitar-se principalmente na caridade e na paciência; e também para servir aos outros, procurando obter para o próximo o máximo de bem possível. Esta foi a razão de sua vida. E no final do caminho, chegado a meio século de missão, pôde contemplar todos estes anos com olhar sereno e satisfeito, porque sua vida teve sua beleza e grandeza. Grandeza nos serviços prestados aos outros, beleza na sua doação total às diversas ocupações que lhe foram confiadas. Foi o irmão mais querido, por ser querido absolutamente por todos, o que é extraordinário.

Pe. Cristiano Vandeputte

* em Ypres (Bélgica) 11-5-1938, † Kashiobwe (Zaire) 29-1-1974 com 35 anos, 14 de profissão, 6 de sacerdócio.

“Não peço viver muito, mas viver intensamente, e doar tudo o que sou: há tantas misérias para socorrer”. Estas palavras ditas em colóquio com um superior poderiam resumir sua breve vida missionária. Elas revelam o amor que nele ardia e o fazia consumir-se em uma doação total de sua pessoa aos jovens, aos mais pobres, aos mais infelizes nas aldeias mais distantes e menos acessíveis da missão de Kasenga. Após ter assim dado testemunho de Cristo por seis anos Pe. Cristiano desapareceu afogado num acidente no rio Luapula.

Pe. João Miguel Vicente

* Salamanca (Espanha) 7-9-1941, † Moca (Rep. Dominicana) 26-8-1974 com 33 anos, 16 de profissão, 6 de sacerdócio. Foi diretor por 2 anos

Fulmínea para todos a notícia de sua morte. Seus seis anos de sacerdócio intenso e fecundo podem ser resumidos em uma doação total à missão salesiana, uma fidelidade livre e espontânea a Cristo e a Dom Bosco. Seu grande sucesso no apostolado deve-se ao fato de que todos os dias fazia o programa de suas atividades, e ao carinho que dedicava a Jesus e a Maria. Uma das últimas notas de seu caderno de apontamentos dizia: “O apóstolo vence as batalhas de joelhos”. Salesiano do trabalho silencioso, humilde, organizado, perseverante. Verdadeiro educador que sabia servir-se do diálogo. Viveu para os seus meninos: centenas de jovens da classe popular para os quais foi testemunho vivo de pobreza evangélica e de castidade viril, que levou muitos à Eucaristia. Sempre à disposição de todos, no confessional ou fora, para um serviço humilde do perdão e da palavra.

Pe. Mário Zocchi

* em Busto Arsizio (Varese — Itália) 26-10-1909, † Vercelli (Itália) 24-2-1974 com 65 anos, 39 de profissão, 31 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Dedicou toda a sua vida salesiana às missões da Índia, onde é lembrado com estima e veneração pela atividade ininterrupta, o grande zelo e a vida religiosa exemplar. Voltando à Itália por motivos de saúde, passou os últimos doze meses de vida na casa de Vercelli continuando, de acordo com o possível, o trabalho pelas missões, que sempre recordava e do qual continuamente falava entusiasmando os jovens, os irmãos e todos que o escutavam.

4.º Elenco 1974

- 107 P. ABBATE Celestino † em Lecce (Itália) 1974 com 72 anos.
- 108 P. ADAMS José † em Lubumbashi (Zaire) 1972 com 50 anos.
- 109 P. ALTIERO Ricardo † em Caracas (Venezuela) 1974 com 64 anos.
- 110 P. AMUCHASTEGUI Hugo † em Rosário (Argentina) 1974 com 66 anos.
- 111 Coad. AVANZI Renato † em Turim (Itália) 1974 com 56 anos.
- 112 Coad. BARBIERI Máximo † em Belém (Israel) 1974 com 61 anos.
- 113 P. BARDELLI Vitério † em Sesto S. Giovanni (Itália) 1974 com 60 anos.
- 114 P. BARTNIK João † em Varsóvia (Polónia) 1974 com 42 anos.
- 115 P. BERGMANS Francisco † em Marrero (USA) 1974 com 61 anos.
- 116 P. BERK Alberto van den † em Leuven (Bélgica) 1974 com 49 anos.
- 117 P. DE BELLÍ João † em Pordenone (Itália) 1974 com 65 anos.
- 118 P. DOMPÉ João Domingos † em Turim (Itália) 1974 com 40 anos.
- 119 P. DRIESSEN Carlos † em Korbeek (Bélgica) 1974 com 75 anos.
- 120 P. DUTTO José † em Racconigi (Itália) 1974 com 56 anos.
- 121 P. ENSEÑAT José Maria † em Barcelona (Espanha) 1974 com 63 anos.
- 122 P. FERRARESE João † em Varese (Itália) 1974 com 59 anos.
- 123 Coad. FERRARIS Pedro † em Bóston (USA) 1974 com 59 anos.
- 124 P. GALLIANI José † no Cairo (Egito) 1974 com 64 anos.
- 125 P. GAMMACURTA Carmelo † em Turim (Itália) 1974 com anos.
- 126 P. GARAIS Filipe † em S. Nicolás de los Arroyos (Argentina) 1972 com 52 anos.
- 127 P. GARCIA CARRIZO Antonio † em Córdoba (Argentina) com 61 anos.
- 128 Coad. GHEZZI Luís † em Cremisan (Israel) 1974 com 85 anos.
- 129 P. GIARIO João Batista † em Pinerolo (Itália) 1974 com 85 anos.

- 130 P. GIRONES Ramón † em Barcelona (Espanha) 1974 com 75 anos.
- 131 P. GOLAK Vitoldo † em Łódź (Polónia) 1974 com 57 anos.
- 132 P. GOOSSENS Francisco † em Gent (Bélgica) 1974 com 60 anos.
- 133 Coad. GRÜNTANNER Vicente † em Penzberg (Alemanha) 1974 com 66 anos.
- 134 P. KEREK José † em Verzej (Eslovénia-Iugoslávia) 1974 com 81 anos.
- 136 P. KOVACIC Luís † em Lubiana (Iugoslávia) 1974 com 72 anos.
- 136 P. LENZI Emílio † em Córdoba (Argentina) 1974 com 87 anos.
- 137 P. LIER Antônio van † em Oud Heverlee (Bélgica) 1974 com 63 anos.
- 138 P. LIVATINO Rosário † em Palermo (Itália) 1974 com 92 anos.
- 139 Dom LUSTOSA Antônio de Almeida † em Carpina (Brasil) 1974 com 88 anos.
- 140 P. MARQUEZ José Maria † Algeciras (Espanha) 1974 com 61 anos.
- 141 Coad. MONTICONE Francisco † em Turim-Valdoco (Itália) 1974 com 62 anos.
- 142 P. MVUKIYEHE Estêvão † em Bruxelas (Bélgica) 1974 com 34 anos.
- 143 P. OLIVERA Ângelo † em Montevideu (Uruguai) 1974 com 61 anos.
- 144 P. ORSINGHER José † em Muzzano (Itália) 1974 com 92 anos.
- 145 P. PATZAN David † em La Libertad (El Salvador) 1974 com 51 anos.
- 146 P. PEÑAFIEL Pedro † em Riobamba (Equador) 1974 com 73 anos.
- 147 P. RODENBECK João † em Duisburg (Alemanha) 1974 com 74 anos.
- 148 P. ROSSETTI Luís † em Estoril (Portugal) 1974 com 81 anos.
- 149 P. RUARO Alfredo † em Alássio (Itália) 1974 com 62 anos.
- 150 P. RUIZ Estêvão † em Salamanca (Espanha) 1974 com 75 anos.
- 151 P. SALADINI Mário † em Roma (Itália) 1974 com 61 anos.

- 152 P. SALUPPO Adão † em Goshen (USA) 1974 com 70 anos.
- 153 Coad. SANCHEZ Ramón † em Buenos Aires (Argentina) 1974 com 76 anos.
- 154 P. SERSEN Francisco † em Zabukovje (Iugoslávia) 1974 com 66 anos.
- 155 P. SIMÉON João Batista † em Marselha (França) 1974 com 90 anos.
- 156 P. STRADA César † em Montevidéu (Uruguai) 1974 com 60 anos.
- 157 P. STREBEL Frederico † em Baden (Alemanha) 1974 com 68 anos.
- 158 P. TAFURI José † em Racconigi (Itália) 1974 com 46 anos.
- 159 P. TELLES José † em Belo Horizonte (Brasil) 1974 com 49 anos.
- 160 P. THOEN Jorge † em Rees (Alemanha) 1974 com 65 anos.
- 161 Coad. TIELENS Juliano † em Lubumbashi (Zaire) 1974 com 71 anos.
- 162 P. VANDEPUTTE Cristiano † em Kashlobwe (Zaire) 1974 com 35 anos.
- 163 P. VICENTE João Miguel † em Moca (Rep. Dominicana) 1974 com 33 anos.
- 164 P. ZOCCHI Mário † em Vercelli (Itália) 1974 com 65 anos.